

UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA



# *Diálogo com os Espíritos*



**UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA**

**ÁREA DE ORIENTAÇÃO MEDIÚNICA**

**Diálogo com os Espíritos**

**Belo Horizonte**

**2013**

© 2013,UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA – ÁREA DE ORIENTAÇÃO MEDIÚNICA.

Redação de Texto: Área de Orientação Mediúnica.

Editoração de texto: Antelene Bastos e Daniela Arreguy

Capa: Eliana Bedeschi

Projeto Gráfico da Capa: Área de Comunicação Social Espírita-UEM

Revisão Final: Antelene Bastos

## UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA

Sede Federativa:

Av. Olegário Maciel, 1627 – Lourdes

30.180-111 Belo Horizonte - MG- Brasil

Tel.: (31) 3201-3261

[www.uemmg.org.br](http://www.uemmg.org.br)

[uemmg@uemmg.org.br](mailto:uemmg@uemmg.org.br)

(Permitida a reprodução, desde que o texto não seja alterado)

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>03</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>04</b>
<b>2 GRUPO MEDIÚNICO</b> .....	<b>05</b>
<b>3 COMUNICAÇÃO DOS ESPÍRITOS</b> .....	<b>08</b>
3.1 Natureza das comunicações .....	11
3.2 Natureza e identidade dos Espíritos .....	13
<b>4 DIÁLOGO/DOCTRINAÇÃO</b> .....	<b>15</b>
4.1 Conceito .....	17
4.2 Finalidade .....	18
<b>5 DIALOGADOR/DOCTRINADOR</b> .....	<b>20</b>
5.1 Condições .....	22
5.2 Recursos .....	24
<b>6 OS ESPÍRITOS COMUNICANTES</b> .....	<b>26</b>
<b>7 EVANGELHO E MEDIUNIDADE</b> .....	<b>37</b>
7.1 A cura do endemoninhado de Cafarnaum .....	38
7.2 Anúncio do nascimento de Jesus .....	39
<b>8 CONCLUSÃO</b> .....	<b>40</b>
<b>9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>41</b>

## APRESENTAÇÃO

Para conhecer as coisas do mundo visível e descobrir os segredos da Natureza material, outorgou Deus ao homem a vista corpórea, os sentidos e instrumentos especiais. Com o telescópio, ele mergulha o olhar nas profundezas do espaço, e, com o microscópio, descobriu o mundo dos infinitamente pequenos. Para penetrar no mundo invisível, deu-lhe a mediunidade.<sup>1</sup>

A mediunidade é a faculdade que permite o intercâmbio entre o mundo espiritual e o mundo material, fazendo-nos perceber aquilo que os sentidos materiais não podem captar. Foi ela que revelou a existência dos Espíritos como sendo os homens fora da matéria, e não como seres à parte da Criação.

Sendo o Espírito e o corpo distintos, a morte destrói apenas o segundo, imortalizando o ser e conservando-lhe a individualidade, que se apresenta, às vezes, com dificuldades complexas e sensações abrangentes, carecendo de amor e caridade no trato com os dramas morais de que são portadores. Por esse motivo, apresentamos este trabalho para reflexão e estudo a respeito do **Diálogo com os Espíritos**. Preparado anteriormente para apresentação na Comissão Regional Centro, achamos por bem ampliá-lo a fim de favorecer o entendimento e a divulgação do assunto. Essa proposta foi levada ao COFEMG – Conselho Federativo Espírita de Minas Gerais – em abril de 2005, para que os participantes de cada Conselho Regional Espírita pudessem avaliá-lo e trazer contribuições.

Certamente acharemos inúmeros estudos acerca desse assunto que se somarão às experiências de cada um, uma vez que em cada diálogo encontraremos novas peculiaridades, em cada atendido novo enfoque, nova história, nova emoção, nova dor, nova sensação. Àqueles que têm a tarefa digna e nobre de dialogar com os Espíritos, armem-se de fé, na certeza de que nunca estão sozinhos; e abram o coração em amor e humildade, pois, sem estes quesitos, dificilmente alcançaremos o objetivo final. Para isso, é preciso longo preparo através do estudo, da vivência, da reforma íntima e, acima de tudo, do esforço em vivenciarmos o Evangelho de Jesus.

Área de Orientação  
Mediúnica da União Espírita Mineira

---

<sup>1</sup> KARDEC. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XXVIII, Item 9

## 1 INTRODUÇÃO

E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. (...) E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. (Atos; 2:2 e 4)

O verbo comunicar vem do latim, *communicare*, que pode ser entendido por: tornar comum, partilhar, transmitir, divulgar. A comunicação é a capacidade de trocar ou discutir idéias, de dialogar com vistas ao bom entendimento entre pessoas.

A palavra é o veículo do pensamento, a materialização das idéias e dos sentimentos. Entre eles, o pensamento tem uma ascendência sobre a palavra, constituindo, nessa ordem, causa e efeito. Nesse sentido, o Espírito, que é o ser principal, já que é o ser pensante, age sobre a matéria dando-lhe inteligência e sentimento. Admitir a existência da alma, bem como sua sobrevivência à morte do corpo e a conservação da sua individualidade, torna patente a comunicação com os Espíritos. E por que assim não seria? Se o Espírito agia sobre a matéria durante sua encarnação, por que não poderia, entrando em acordo com um outro Espírito ligado a um corpo vivo, utilizá-lo para exteriorizar sua condição de ventura ou de desventura, “(...) do mesmo modo que um mudo pode servir-se de uma pessoa que fale, para se fazer compreendido.”<sup>2</sup> Não é racional e sensato pensar que “(...) um ente que nos amou durante a vida se acerque de nós, deseje comunicar-se conosco e se sirva, para isso, dos meios de que disponha.”<sup>3</sup>

Após legitimar e categorizar o intercâmbio mediúnico como um fenômeno natural, Kardec inicia uma série de diálogos com os Espíritos, entregando-nos algo rico e precioso: a Codificação Espírita. O médium, ser sensível, agora compreendido como sendo o intérprete dos Espíritos, vem proporcionando o enriquecimento das nossas experiências e o consolo aos nossos corações pelas orientações veiculadas, além de nos possibilitarem a alegria de conversarmos com o mundo espiritual, seja para nosso aprendizado ou para auxiliar aqueles que se encontram em dificuldades. Entretanto, para o êxito dessas atividades é imprescindível adotarmos alguns critérios, sem os quais correremos sérios riscos de tornarmos vulgares práticas que requerem, como todo trabalho sério, responsabilidade e recolhimento. Sendo assim, além do conhecimento prévio da natureza e da identidade dos Espíritos, é imprescindível conhecer os diversos tipos de Espíritos Comunicantes e saber conduzir o diálogo com eles. Contudo, antes de tratarmos propriamente o tema em questão, Diálogo com os Espíritos, apresentaremos alguns pontos relacionados ao grupo mediúnico – apesar de haver outros estudos já desenvolvidos acerca do tópico em questão nas apostilas “Médium de Sustentação” e “O Dirigente de Reuniões Mediúnicas”, publicados pela União Espírita Mineira.

---

<sup>2</sup> KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. I, item 5.

<sup>3</sup> *Ibidem*, cap. I, item 5.

## 2 GRUPO MEDIÚNICO

Para que não haja divisão no corpo, mas antes tenham os membros igual cuidado uns dos outros. De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele. Paulo (I Coríntios; 12:25-26).

Nos dois trabalhos citados, “Médium de Sustentação” e “O Dirigente de Reuniões Mediúnicas”, verificamos que, a fim de que Jesus ou os Espíritos Puros que o representam estejam presentes, não bastam que duas ou três pessoas estejam materialmente juntas; “é preciso que o estejam espiritualmente, em comunhão de intentos e de idéias, para o bem”.<sup>4</sup> Também pudemos perceber que uma reunião é realização de um conjunto, refletindo sempre a qualidade daqueles que o compõem, à semelhança de um feixe que mais força tem, quanto mais homogêneo for, como nos adverte Kardec, em *O Livro Dos Médiuns*.<sup>5</sup> Cumpre-nos, agora, reforçar esses conceitos, tendo por fundamento a Epístola de Paulo, transcrita acima.

Na carta aos *Coríntios*, o convertido de Damasco, no intuito de conservar a unidade nas instituições cristãs, demonstra que “o corpo não é um só membro, mas muitos”.<sup>6</sup> O organismo físico é estrutura complexa e harmoniosa agindo em equipe para a manutenção da vida orgânica, de maneira que um corpo não é a mão ou a cabeça, mas o somatório de todos os órgãos, formados a partir da associação de milhões de células, cumprindo cada qual a sua função num sistema de interdependência. Por esse motivo, esclarece-nos o apóstolo que não deve haver divisão no corpo doutrinário do Cristo e, sim, o cultivo constante da fraternidade e da cooperação entre seus membros.

Aplicando as recomendações do apóstolo ao grupo mediúnico, compreendemos naturalmente que o bom resultado no atendimento aos Espíritos sofredores dependerá da união de pensamentos elevados e de sentimentos nobres entre os membros do grupo: dirigente, dialogador, médiuns ostensivos e médiuns de sustentação. Não bastará nos dirigirmos, habitualmente, a uma sala em determinada hora, colocarmos as obras de estudo sobre a mesa, fecharmos os olhos e aguardarmos o desenrolar dos trabalhos. Antes, é imprescindível a todos uma preparação pautada na leitura edificante, na oração, no cultivo de bons pensamentos e na alimentação adequada, além da concentração na tarefa de assistência, desligando-se das preocupações diárias no momento do trabalho<sup>7</sup>. A exemplo dos membros do corpo, é preciso trabalhar para atingirmos um mesmo fim: proporcionar alívio e esclarecimento aos Espíritos sofredores.

Todos do grupo têm uma função específica, fundamental e particular. Apesar de formarem um conjunto único, as vibrações de harmonia ou desarmonia - de que se veja envolto um componente do grupo - podem recair sobre todos os outros, como assevera Paulo: “se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele”. A espiritualidade conta conosco e, se o grupo não for harmônico, pouco produziremos, pois “a força espiritual contagiante que soma os corações cheios de compaixão e das mentes unidas pelo amor de Jesus Cristo atua bem mais profundamente do que doutrinações

<sup>4</sup> KARDEC. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XXVIII, item 5.

<sup>5</sup> *Idem*. *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIX, item 331.

<sup>6</sup> ALMEIDA. *Bíblia Sagrada*, I Coríntios 12:14.

<sup>7</sup> O aspecto da concentração no trabalho mediúnico foi abordado de maneira ampla na apostila “Médium de Sustentação”, publicada pela UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA. Ver os itens 3 Concentração e 4 Integração/conjunto.

prolongadas, cansativas e improdutivas”.<sup>8</sup> A equipe mediúnica não pode prescindir da perseverança, já que toda obra é construção do tempo e só a permanência no ideal pode garantir a vitória. Logo, uma equipe mediúnica não pode ser improvisada, necessitando ser construída com bases na assiduidade, pontualidade, esforço, responsabilidade, desejo pelo bem, conhecimento e fidelidade aos princípios evangélico-doutrinários.

Os participantes de um grupo mediúnico devem ter em mente que os Espíritos não são seres à parte, somente porque não possuem mais o corpo físico; ao contrário, são eles possuidores de experiências e vida próprias que dão conta da sua personalidade. Por mais refratários possam parecer, reúnem amplas condições de mudança íntima. Yvonne Pereira afirma que o fruto profícuo dos trabalhos é o resultado da comunhão sublime entre médiuns, diretores das sessões e guias espirituais sob o patrocínio do Cristo, além de dizer que “(...) todos temos grandes responsabilidades, o desempenho é sagrado para todos e não poderá ser realizado com indiferença ou menor grau de dedicação”.<sup>9</sup> As reuniões dessa natureza não devem ser realizadas publicamente, pois, se fossem, poderia haver prejuízo da homogeneidade da equipe, além do fato de faltarmos com a caridade ao se expor os irmãos sofredores que nela comparecem. No livro *Nos Domínios de Mediunidade*,<sup>10</sup> o instrutor Áulus, ao se dirigir a um agrupamento mediúnico em núcleo espírita-cristão, assim observa: “Vemos aqui o salão consagrado aos ensinamentos públicos. Todavia, o núcleo que buscamos jaz situado em reduto íntimo, assim como o coração dentro do corpo”.

A função de todos os participantes, como já o dissemos, demanda grande seriedade e responsabilidade, particularmente no que se refere ao médium ostensivo, que servirá de ponte aos dois mundos. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*<sup>11</sup> aborda sobre a necessidade da prece para o início da reunião, ao esclarecer: “Dai aos médiuns, que escolherdes para transmissores dos vossos ensinamentos, consciência do mandato que lhes é conferido e da gravidade do ato que vão praticar, a fim de que o façam com o fervor e o recolhimento precisos.”

A uma reunião séria não pode faltar a busca do equilíbrio e da postura correta, a fim de alcançarmos a melhor sintonia com as esferas superiores. Em o livro *Devassando o Invisível*,<sup>12</sup> o amigo espiritual alerta a médium Yvonne quanto à necessidade de um “(...) domínio de toda e qualquer impressão ou emoção, um equilíbrio isolante, que traduza superioridade moral (...), já que Espíritos levianos ou brincalhões podem usar de recursos como graças ou posturas que façam o médium perder a tranqüilidade. E ”rir-se é aplaudir, louvar seus atos, e, portanto, afinar-se com eles”.

No diálogo travado entre o doutrinador e a entidade comunicante, observamos a figura atuante do médium ostensivo, trabalhando na ligação entre os dois planos da vida. É ele o primeiro a perceber a presença do Espírito levado à reunião. Dependendo de sua sensibilidade, o médium ostensivo poderá ver, ouvir ou sentir a presença do Espírito, dando ao dialogador subsídios para a condução do diálogo, tais como: sexo da entidade, se encarnado ou desencarnado, quando desencarnado se ele tem conhecimento da situação em que se encontra e qual problema o aflige, entre outras informações úteis ao trabalho. Essas informações não constituem regras absolutas e podem, também, ser deduzidas pelo doutrinador/dialogador no decorrer do diálogo estabelecido, momento no qual deverá estar atento às palavras do comunicante. A fim

<sup>8</sup> BARCELOS. *Mediunidade e Discernimento*, cap. 17, p. 88.

<sup>9</sup> PEREIRA. *Recordações da Mediunidade*, cap. 10, p. 179

<sup>10</sup> ANDRÉ LUIZ.. *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 2, p. 25.

<sup>11</sup> KARDEC. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XXVIII, item 6.

<sup>12</sup> PEREIRA. *Devassando o Invisível*, cap. 5, p. 134.

de proporcionar segurança ao médium, o doutrinador/dialogador deverá orientá-lo a se portar como enfermeiro que se aproxima do necessitado sem se envolver com seus problemas, observando se há necessidade e condição para o diálogo. Tal condição deve ser estudada, uma vez que nem sempre a conversação será possível, dado o grau de perturbação de alguns Espíritos. Nesse caso, eles serão beneficiados através da prece e da vibração salutar do grupo, pois “(...) a cooperação do magnetismo humano pode influir mais intensamente em benefício dos necessitados que se encontrem cativos das zonas de sensação, na Crosta do Mundo (...)”.<sup>13</sup>

Em se tratando da atuação do médium no grupo mediúnic, é necessário ainda avaliar que o contato deste com o Espírito se estabelece por meio da ligação do perispírito de um com o perispírito do outro. Encontramos um esclarecimento pertinente a esse respeito no livro *O Que é o Espiritismo*, do qual extraímos o seguinte trecho:

É igualmente, por meio do perispírito que o Espírito faz os médiuns escreverem, falarem ou desenharem; não possuindo corpo tangível para atuar ostensivamente, quando ele se quer manifestar, o Espírito serve-se do corpo do médium, de cujos órgãos se apossa, fazendo-os agir como se fossem seus, por um eflúvio com que ele os envolve e penetra.<sup>14</sup>

Outro exemplo é encontrado no *Devassando O Invisível*. Nessa obra, a autora explica que a mente e a vontade individuais, agindo sobre o perispírito, farão dele o que desejarem, visto que ela “(...) cria, produz, edifica, realiza, conserva, aplica, modifica, servindo-se das poderosas forças que lhe são naturais”.<sup>15</sup> Sendo assim, os integrantes da reunião precisam ter consciência de que a utilidade do trabalho está nas conseqüências morais, e nunca nas materiais. A fim de que o trabalho se efetive, a dedicação do plano espiritual é impar, sendo necessário aos Espíritos, para transmitirem as informações, criar imagens representativas para os médiuns de acordo com o grau de compreensão e assimilação de cada um, possibilitando à faculdade mediúnica realizar “(...) uma operação mental, um jogo de tradução, se de tal expressão poder-nos-emos servir, que nem sempre reproduzirá com fidedignidade as informações e os esclarecimentos que o Espírito comunicante pretende prestar”.<sup>16</sup> Por esse motivo, não podemos agir com irresponsabilidade, se desejamos merecer o amparo do plano espiritual superior em nossas atividades.

Um outro ponto relevante é a participação dos componentes da reunião na formação de imagens que auxiliarão a entidade comunicante e o doutrinador. No capítulo 7, página 67, do livro *Nos Domínios Da Mediunidade*, André Luiz relata a existência de um aparelho, o condensador ectoplásmico, que se assemelha à tela de gaze tenuíssima, usada para concentrar raios de força projetados pelos componentes da reunião. O aparelho, assim, reproduz imagens plasmadas pelo pensamento da entidade comunicante. Essas imagens serão analisadas pelos guias espirituais e, também, auxiliarão o doutrinador que as recebe no campo intuitivo. O Espírito Áulus demonstra a contribuição que os encarnados dão ao fornecerem as energias ectoplásmicas, mas nos alerta quanto ao tipo de pensamento e sentimento que exteriorizamos:

(...) Pessoas que exteriorizem sentimentos menos dignos, equivalentes a princípios envenenados nascidos das viciações de variada espécie, perturbam enormemente as atividades dessa natureza, porquanto arrojam no condensador as sombras de que se fazem veículo, prejudicando a eficiência da

<sup>13</sup> ANDRÉ LUIZ. *Missionários da Luz*, cap. 17.

<sup>14</sup> KARDEC. *O Que é o Espiritismo*, cap. II, Item 30.

<sup>15</sup> PEREIRA. *Devassando o Invisível*, cap.5, p. 135.

<sup>16</sup> *Ibidem*, cap. 1, p. 36.

assembléia e impedindo a visão perfeita de tela por parte da entidade necessitada de compreensão e de luz.<sup>17</sup>

André Luiz ainda relata na mesma obra a existência de um outro aparelho, o *psicoscópio*, capaz de sondar a alma, definindo-lhe as vibrações, e classificar as perspectivas do agrupamento mediúnico. O instrutor afirma que “(...) é possível anotar-lhes as possibilidades e categorizar-lhes a situação. Segundo as radiações que projetam, planejamos a obra que podem realizar no tempo”.<sup>18</sup> Ao utilizarem o aparelho, eles percebem que os veículos físicos pareciam quais fossem correntes eletromagnéticas em elevada tensão e que o sistema nervoso, núcleos glandulares e os plexos apresentavam luminescência particular. Cada criatura oferecia determinado potencial de radiação.

Nesta breve explanação acerca do grupo mediúnico, obtivemos informações suficientes para compreender a seriedade, a responsabilidade e o alcance desses trabalhos, que obtêm dos benfeitores Espirituais o amparo necessário e a freqüência indispensável, desde que estejamos estribados no sincero desejo de servir e aprender, tendo Jesus e Kardec por base segura. O bom equilíbrio e as boas vibrações do grupo fornecerão a sustentação adequada ao doutrinador/dialogador, proporcionando sintonia com o plano superior e, com isso, um diálogo mais fraterno e produtivo.

### 3 COMUNICAÇÃO DOS ESPÍRITOS

A comunicação com os espíritos foi o resultado de experiências baseadas num princípio aplicado às nossas ciências: para todo efeito inteligente haverá uma causa inteligente, ou não há efeito sem causa; e, se o efeito é inteligente, deve ser a causa também inteligente. Além disso, sabemos que o intercâmbio entre “vivos” e os supostamente “mortos” é ocorrência de todos os tempos e esteve presente em várias culturas humanas, atendendo às mais variadas finalidades. Muitos religiosos, porém, consideram tal prática uma ofensa às leis de Deus, e o fazem baseados na proibição instituída por Moisés no Velho Testamento, como se percebe na seguinte citação:

Entre ti se não achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; Nem encantador de encantamentos, nem quem consulte um espírito adivinhante, nem mágico, nem quem consulte os mortos: Pois todo aquele que faz tal cousa é abominação ao Senhor; e por estas abominações o Senhor teu Deus as lança fora de diante dele.<sup>19</sup>

Será útil esclarecermos este ponto tão intrigante e aparentemente contraditório, já que tanto no Velho quanto no Novo Testamento, bem como nos dias atuais, vemos a interferência contínua dos Espíritos na nossa vida, chegando a ponto de vivermos, como se expressa Kardec, “imersos nesse mundo invisível que nos cerca e nos acotovela incessantemente”.<sup>20</sup> Antes de formularmos qualquer opinião, precisamos lembrar que existem duas partes distintas na lei de Moisés: a lei divina, imutável, contida nos dez mandamentos e revelada no Monte Sinai; e a lei civil ou disciplinar, mutável, criada por Moisés e apropriada às necessidades da época, mas declarada como sendo de caráter divino para conter o povo endurecido e indisciplinado.

A proibição de evocar os mortos é a prova do intercâmbio mediúnico, pois só se proíbe aquilo que pode ser feito. Como poderia Moisés proibir a evocação dos mortos

<sup>17</sup> ANDRÉ LUIZ. *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 7, p. 67.

<sup>18</sup> *Ibidem*, cap. 2.

<sup>19</sup> ALMEIDA. *Bíblia Sagrada*, Deteuronômio; 18:10-12

<sup>20</sup> KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. I, Item 2, p. 18

se ela não fosse um fato, uma prática utilizada? Resta saber, então, por que era proibido evocá-los. Entre tantas justificativas sensatas, apresentadas no livro *O Céu e o Inferno*, destacaremos apenas aquela em que Kardec considera a ação de Moisés justa, pois, naquele tempo a “(...) evocação dos mortos não se originava nos sentimentos de respeito, afeição ou piedade para com eles (...)”, sendo antes um recurso para adivinhações, tal como nos augúrios e presságios explorados pelo charlatanismo e pela superstição<sup>21</sup>. Atualmente, porém, não é mais possível falarmos em proibição em se tratando das práticas mediúnicas, mas sim em orientação cristã, para resgatar o verdadeiro sentido da mediunidade e a colocar a serviço do Cristo. Nesse sentido, é relevante apresentar o esclarecimento de Kardec, no seguinte trecho:

Uma vez, porém, que os espíritas (...) não interroguem astros, mortos e áugures para adivinhar a verdade (...); uma vez que repudiam traficar com a faculdade de comunicar com os Espíritos; uma vez que os não move a curiosidade nem a cupidez; mas um sentimento de piedade, um desejo de instruir-se e melhorar-se, aliviando as almas sofredoras; uma vez que assim é, porque o é – a proibição de Moisés não lhes pode ser extensiva.<sup>22</sup>

O intercâmbio - que pode ser oculto ou patente, espontâneo ou provocado, trazendo as provas da sobrevivência da alma - proporcionou a chegada do “Consolador Prometido”, cuja meta era restaurar o Cristianismo no coração dos homens. A respeito disso, o livro *O Que é o Espiritismo*, no item 24 do capítulo II, esclarece que as manifestações se tornaram autênticas porque já estava nos objetivos da Providência desmascarar a incredulidade e o materialismo, permitindo, então, que aqueles que deixaram a Terra viessem relatar sua situação feliz ou infeliz.

Allan Kardec, ao dialogar com os Espíritos, percebeu que a linguagem, a moral, o conhecimento que possuíam variavam muito, demonstrando diferenças intelectuais e morais entre eles. Isso ocorre porque eles se apresentam no mundo espiritual tal qual foram e agiram durante a existência física e, como há entre nós encarnados, sábios e ignorantes, homens de bem e homens afeitos ao mal, é racional que no plano espiritual a situação seja a mesma, já que a morte não representa, em primeira instância, mudança de hábitos e pensamentos. Apesar dessas diferenças intelecto-morais não representarem uma divisão absoluta entre os Espíritos, em *O Livro dos Espíritos*, Kardec define três ordens para os Espíritos, considerando os caracteres gerais, já que “(...) não há linhas de demarcação traçadas como barreiras, de sorte que as divisões podem ser multiplicadas ou restringidas livremente.”<sup>23</sup> A classificação das ordens está baseada no grau de adiantamento dos Espíritos, nas qualidades que possuem e nas imperfeições de que devem se livrar. É preciso esclarecer que de um grau a outro, “(...) a transição é insensível e, nos limites extremos, os matizes se apagam, como nos reinos da natureza, como nas cores do arco-íris, ou, também, como nos diferentes períodos da vida do homem.”<sup>24</sup> Assim sendo, temos, resumidamente, os caracteres gerais apresentados pelo codificador:

- Terceira ordem – Espíritos imperfeitos
  - predominância da matéria sobre o Espírito;
  - propensão ao mal;
  - ignorância, orgulho, egoísmo e más paixões conseqüentes;
  - têm a intuição de Deus sem compreendê-lo;

<sup>21</sup> KARDEC. *O Céu e o Inferno*, cap. XI, 1ª parte.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 158.

<sup>23</sup> *Idem*, *O Livro dos Espíritos*, questões 97 e 100.

<sup>24</sup> *Idem*, *O Livro dos Espíritos*, questão 100.

- não são todos maus, em alguns há mais de irreflexão, incoseqüência e malícia;
- alguns não fazem o bem nem o mal; outros se comprazem nele;
- idéias pouco elevadas e sentimentos inferiores;
- conhecimentos limitados sobre as coisas do mundo espírita;
- a felicidade dos bons Espíritos os atormenta por causa da angústia causada pela inveja e pelo ciúme;
- conservam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida corporal, freqüentemente mais penosa que a realidade;
- sofrem por longo tempo as conseqüências do mal, e isto os faz crer que sofrem sempre.

Essa ordem se divide em cinco classes principais: Espíritos impuros, Espíritos levianos, Espíritos pseudo-sábios, Espíritos neutros e Espíritos batedores e perturbadores.

- Segunda ordem – Bons Espíritos
  - predominância do espírito sobre a matéria;
  - desejo do bem;
  - suas qualidades e seu poder em fazer o bem estão de acordo com o seu adiantamento: uns têm a ciência, outros a sabedoria e a bondade;
  - entre eles, os mais avançados reúnem o saber às qualidades morais;
  - conservam, mais ou menos, segundo sua categoria, os traços da existência corpórea, seja por causa da linguagem, dos hábitos ou de suas manias;
  - compreendem Deus e o infinito, além de desfrutarem da felicidade dos bons pelo bem que fazem e pelo mal que evitam ser feito;
  - o amor que os une não sofre perturbação das más paixões características dos Espíritos imperfeitos;
  - ainda têm provas a suportar até alcançarem a perfeição;
  - como Espíritos, sugerem bons pensamentos e protegem os homens do mau caminho. Quando encarnados são bons e benevolentes com os semelhantes e não apresentam orgulho, egoísmo, ambição, ódio, rancor, inveja ou ciúme.

Nessa ordem estão os Espíritos designados pelas crenças vulgares de gênios bons, gênios protetores e Espíritos do bem. Foram transformados, nas épocas de superstições e ignorância, em divindades benfazejas. Dividem-se em quatro classes: Espíritos benevolentes, Espíritos sábios, Espíritos de sabedoria e Espíritos superiores.

- Primeira ordem – Espíritos puros
  - não sofrem influência da matéria;
  - superioridade intelectual e moral absoluta em relação às outras ordens.

Não há divisão de classes. A classe única a que pertencem se caracteriza pelas seguintes qualidades:

- despojados das impurezas da matéria;
- por causa da perfeição alcançada, não têm mais que passar por provas ou expiações;
- desfrutam a vida eterna porque não estão sujeitos à reencarnação;
- inalterável felicidade sem ociosidade contemplativa; executam as ordens de Deus, são seus ministros e mensageiros;
- comandam os Espíritos que lhes são inferiores, ajudando-os a se aperfeiçoarem.

“Assistir os homens nas suas aflições, concitá-los ao bem ou à expiação das faltas que os conservam distanciados da suprema felicidade, constitui para eles ocupação gratíssima. São designados às vezes pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins”.<sup>25</sup> Podemos entrar em comunicação com esses Espíritos, mas “(...) extremamente presunçoso seria aquele que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens”.<sup>26</sup>

O conhecimento dos vários graus de evolução dos Espíritos facilita a determinação da superioridade ou da inferioridade que possuem e, conseqüentemente, o grau de confiança e de estima que merecem. Além disso, favorece na condução do diálogo de maneira a atender às suas reais necessidades, tornando a conversa mais produtiva, pois o tato psicológico do dirigente fica mais aguçado, para melhor conduzir as idéias.

### 3.1 Natureza das comunicações

Durante muito tempo ouvimos falar dos “demônios”, das “almas penadas” ou das “assombrações” que apareciam com o objetivo de assustar ou influenciar negativamente os homens. Hoje, porém, através da luz que o “Consolador Prometido” lançou sobre o pensamento do Cristo, corrigindo-nos a visão, podemos compreender que aqueles “seres” nada mais são que os homens fora da matéria, chamados de Espíritos, e que habitam as muitas moradas da casa do Pai como nos ensinou Jesus, em passagem registrada no Evangelho de João, no capítulo 14, versículos 1 a 3. Ainda sobre a questão da pluralidade dos mundos, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, nos itens 1 e 2 do capítulo III, nos ensina que a casa do Pai é o Universo e as diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem morada apropriada aos Espíritos segundo o seu adiantamento. Também diz que essas palavras podem ser entendidas como o estado feliz ou infeliz do Espírito no intervalo das existências corporais, a erraticidade, vivido no plano espiritual. Dessa forma, podemos entender que os Espíritos ora estão no mundo material, ora no mundo espiritual, mas que estes dois mundos trocam impressões constantemente através das comunicações e, que cada mundo possui a sua população de encarnados e desencarnados que se atraem pela afinidade de pensamentos e sentimentos. “Os não encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte, no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e acotovelando-nos de contínuo. É toda uma população invisível, a mover-se em torno de nós”.<sup>27</sup>

Um dos princípios que norteou as pesquisas em torno dos fenômenos das “mesas girantes ou dançantes” é de que “(...) todo efeito, que revela na sua causalidade, um ato, ainda que insignificatíssimo, de livre vontade, atesta, por essa circunstância, a existência de uma causa inteligente.”<sup>28</sup>. Kardec concluiu, nesse sentido, que um simples movimento de mesa pode ser considerado como manifestação inteligente, já que esta respondia com exatidão ao ser interrogada sobre as mais diversas questões da ciência e do conhecimento, além de apresentar um caráter intencional, visto que as manifestações apresentavam uma vontade autônoma e nem sempre segundo o desejo dos observadores.

Afirmou também o Codificador que, se o resultado devesse se limitar a isso, não haveria senão um interesse secundário e a revelação de que há nesses fenômenos mais do que uma ação puramente material. Entretanto, considera o missionário da

<sup>25</sup> KARDEC. *O Livro dos Espíritos*, questão 113.

<sup>26</sup> *Ibidem*.

<sup>27</sup> *Ibidem*, Introdução, Item VI.

<sup>28</sup> *Idem*, *O Livro dos Médiuns*, cap. X, Segunda Parte, Item 133.

Terceira Revelação que “(...) o caso, porém, muda inteiramente de figura, quando essa inteligência ganha um desenvolvimento tal, que permite regular a contínua troca de idéias. Já não há então simples manifestações inteligentes, mas verdadeiras *comunicações*.”<sup>29</sup> Não há mais dúvida quanto à influência constante dos Espíritos em nossos pensamentos e atos<sup>30</sup> e os meios de que dispomos hoje para as comunicações permitem obtê-las de forma tão extensa, tão explícita e tão rápida como as que se mantêm com os homens. Resta esclarecer que essas comunicações podem ser ocultas ou ostensivas. “As ocultas se verificam pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia. (...) As comunicações ostensivas se dão por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, quase sempre pelos médiuns que lhes servem de instrumentos.”<sup>31</sup> Aqui estamos tratando das comunicações ostensivas e é preciso lembrar que os Espíritos variam de ordem e classe, conforme os caracteres gerais apresentados no item 2 desse trabalho e, por isso, é sensato raciocinar que “(...) há de haver diferença entre as suas comunicações; que estas hão de refletir a elevação, ou a baixeza de suas idéias, o saber e a ignorância deles, seus vícios e suas virtudes”.<sup>32</sup> Segundo seus caracteres mais acentuados, as comunicações podem ser *grosseiras, frívolas, sérias e instrutivas*.

As *comunicações grosseiras*, vindas de Espíritos inferiores, ainda envolvidos nas impurezas da matéria, apresentam uma linguagem pouco refinada com expressões que chocam o decoro. Causa repugnância à menor delicadeza de sentimento porque são triviais, ignóbeis, obscenas, insolentes, arrogantes, malévolas e mesmo ímpias. Já as *comunicações frívolas* provêm de Espíritos levianos, zombeteiros e travessos, mais maliciosos do que maus. Não dão importância ao que dizem e nessas comunicações fala-se muito para não se dizer nada. Sendo a verdade o menor de seus cuidados, mistificam e enganam aqueles que crêem. As *comunicações sérias*, por exclusão, são aquelas em que não há frivolidade e grosseria e que apresentam um fim útil, mesmo que seja de interesse privado. Elas não estão, porém, isentas de erros. “Nem todos os Espíritos sérios são igualmente esclarecidos; há muita coisa que eles ignoram e sobre que podem enganar-se de boa-fé. Por isso é que os Espíritos verdadeiramente superiores nos recomendam de contínuo que submetamos todas as comunicações ao crivo da razão e da mais rigorosa lógica.”<sup>33</sup> Precisamos distinguir as comunicações sérias verdadeiras das comunicações sérias falsas e, para isso, não podemos nos prender à forma, pois certos Espíritos presunçosos ou pseudo-sábios, procuram fazer prevalecer suas idéias falsas utilizando, muitas vezes, nomes respeitáveis e venerados.

*Instrutivas* são as “(...) comunicações sérias cujo principal objeto consiste num ensinamento qualquer, dado pelos Espíritos, sobre as ciências, a moral, a filosofia, etc. São mais ou menos profundas, conforme o grau de elevação e de *desmaterialização* do Espírito”.<sup>34</sup> Para se obter um fruto real dessas comunicações é necessário manter a regularidade com perseverança, pois os Espíritos sérios se ligam àqueles que desejam se instruir e os amparam. No entanto, só com o tempo poderemos apreciar o valor moral e intelectual desses Espíritos e saber o grau de confiança que merecem. Não devemos esquecer que certos ensinamentos apresentam de sério apenas a forma, trazida por Espíritos mais presunçosos do que sábios, a fim de iludir, mas que não sustentam durante muito tempo seu papel, terminando por se traírem ou se contradizerem.

<sup>29</sup> KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. X, Segunda Parte, Item 133.

<sup>30</sup> *Idem*, *O Livro dos Espíritos*, questão 459.

<sup>31</sup> *Idem*, *O Livro dos Espíritos*, Introdução, Item VI.

<sup>32</sup> *Ibidem*

<sup>33</sup> *Ibidem*, Item 136.

<sup>34</sup> *Ibidem*, Item 137.

### 3.2 Natureza e identidade dos Espíritos

A identidade dos Espíritos é uma das questões mais polêmicas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. Com base no fato de não trazerem um ato de notoriedade e de outros Espíritos tomarem nomes emprestados para impressionar, considera Kardec ser esta, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático. Entretanto, diz o codificador que “a identidade absoluta não passa de questão secundária e sem importância real”.<sup>35</sup> A fim de ampliar o esclarecimento sobre o assunto, apresentaremos um exemplo retirado de *O Livro dos Médiuns*: se um Espírito, ao se comunicar, dá o nome de Fénelon e diz coisas que não revelam sua superioridade, é bem certo que este não seja ele; por outro lado, se diz coisas à altura do caráter de Fénelon e se comporta como tal, “(...) há, senão prova material, pelo menos toda a probabilidade moral de que seja de fato ele. (...) a identidade real se torna uma questão acessória. Desde que o Espírito só diz coisas aproveitáveis, pouco importa o nome sob o qual as diga”.<sup>36</sup> Podemos nos perguntar, porém, por que um Espírito tomaria um nome que não é o seu para falar do bem e, mediante este questionamento, poderíamos pensar que agindo assim ele estaria cometendo uma fraude e, por isso, não poderia ser um bom Espírito. A respeito disso, temos justificativas plausíveis apresentadas no capítulo XXIV, item 256, na segunda parte de *O Livro dos Médiuns*. Tais justificativas serão resumidas para que seja apreciada a objeção proposta:

A purificação dos Espíritos e sua elevação na hierarquia apagam os caracteres que distinguem suas personalidades por causa da uniformidade da perfeição e, apesar disso, não conservam menos a sua individualidade. Nessa posição, o nome que tinham na Terra é uma coisa de todo insignificante, até porque são atraídos, uns para os outros, pela semelhança de suas qualidades e formam, assim, grupos ou famílias simpáticas. Além disso, como o número de Espíritos que atingiram a primeira ordem é maior do que o número de homens que deixaram a Terra com um grande nome pelas obras do bem realizadas, a maioria não deve ter nome para nós. Como necessitamos de nomes para fixar idéias, podem tomar o nome de um personagem conhecido cuja natureza se identifica melhor com a sua, como podem falar, também, em nome de uma família ou grupo de Espíritos a que pertencem. Vale lembrar, porém, que os Espíritos são atraídos pelos pensamentos e que os nomes lhes são indiferentes. Todas as vezes que um Espírito superior se comunica sob um nome conhecido nada prova que seja precisamente ele. Mas se não diz nada que seja incoerente com a elevação desse último, podemos presumir que seja ele e, em todos os casos, pode-se dizer que, se não for ele, pode ser um Espírito do mesmo grau ou mesmo enviado por ele. Em síntese, a questão do nome é secundária, podendo o nome ser encarado como simples indicativo da classe a que ele pertence. O que nos interessa não é a sua pessoa, mas o ensinamento que traz. Desse modo, não importa quem se faz portador, mas o que se semeia no campo das idéias. Como diz o crivo socrático, se for bom, útil e verdadeiro, então, não importa que quem dê o ensinamento se chame Pedro ou Paulo. A esse respeito, temos o conselho dado por São Luís:

Qualquer que seja a confiança legítima que vos inspirem os Espíritos que presidem aos vossos trabalhos, há uma recomendação que nunca será demais repetir, e que deveríeis ter presente sempre na vossa lembrança quando vos entregais a vossos estudos: é a de pesar e meditar, é a de submeter ao cadinho da razão mais severa todas as comunicações que receberdes; é a de

---

<sup>35</sup> KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIV, Segunda Parte, Item 255.

<sup>36</sup> *Ibidem*.

não deixardes de pedir as explicações necessárias a formardes opinião segura, desde que um ponto vos pareça suspeito, duvidoso ou obscuro.”<sup>37</sup>

Nos itens 257 a 261, do capítulo XXIV da Segunda Parte de *O Livro dos Médiuns*, Kardec apresenta algumas idéias que auxiliam na identificação dos Espíritos. No entanto, não nos deteremos nelas, neste momento, para dar maior ênfase à diferenciação entre bons e maus Espíritos, como sugere o texto citado:

Se a identidade absoluta dos Espíritos é, em muitos casos, uma questão acessória e sem importância, o mesmo já não se dá com a distinção a ser feita entre bons e maus Espíritos. Pode ser-nos indiferente a individualidade deles; suas qualidades, nunca.<sup>38</sup>

Assim como se julgam os homens pela linguagem, os Espíritos também devem ser julgados. “Pode estabelecer-se como regra invariável e sem exceção que a linguagem dos Espíritos está sempre em relação com o grau de elevação a que já tenham chegado”.<sup>39</sup> Entretanto, não podemos nos perder na forma, na correção do estilo, visto que a inteligência não representa sinal de superioridade, pois nem sempre caminham juntos o intelecto e a moral. “Pode um Espírito ser bom, afável, e ter conhecimentos limitados, ao passo que outro, inteligente e instruído, pode ser muito inferior em moralidade”.<sup>40</sup> Nesse sentido, os meios de se distinguir os bons dos maus Espíritos podem se resumir nos princípios seguintes, elucidados na obra citada acima:

- bom senso como critério de discernimento do valor dos Espíritos;
- apreciação da linguagem, dos sentimentos que inspiram e dos conselhos que dão;
- os bons Espíritos só podem dizer e fazer o bem;
- a linguagem dos Espíritos superiores é sempre digna, nobre, elevada, sem eiva de trivialidade. Dizem com simplicidade e modéstia;
- a linguagem dos Espíritos inferiores reflete as paixões humanas e é carregada da baixeza, pretensão, arrogância, fanfarronice e acrimônia;
- não se deve julgar a forma material, nem a correção do estilo, mas sondar o íntimo do Espírito comunicante;
- a linguagem dos Espíritos Superiores é sempre idêntica, senão quanto à forma, pelo menos quanto ao fundo;
- os bons Espíritos dizem o que sabem e os maus Espíritos falam de tudo sem se preocuparem com a verdade;
- reconhecem-se os Espíritos levianos pela facilidade de predizerem o futuro e precisarem fatos materiais desconhecidos por nós. Os bons Espíritos fazem pressentir as coisas quando convém, nunca determinam datas;
- a comunicação de Espíritos Superiores é simples e sem prolixidade. Os inferiores ou falsos sábios se ocultam sob a pomposidade ou o vazio de suas idéias. Usam linguagem pretensiosa, ridícula, obscura;
- os bons Espíritos nunca ordenam, não se impõem, aconselham. Os maus são imperiosos, dão ordens;
- não há lisonja entre os bons Espíritos; já entre os maus ocorrem exageros, estímulo ao orgulho e à vaidade, exaltam a importância pessoal daqueles a quem desejam captar;

<sup>37</sup> KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIV, Segunda Parte, Item 266.

<sup>38</sup> *Ibidem*, Item 262.

<sup>39</sup> *Ibidem*, Item 263.

<sup>40</sup> *Ibidem*, Item 265.

- os Espíritos Superiores desprezam as puerilidades da forma. Já os Espíritos vulgares dão importância a detalhes mesquinhos;
- deve-se desconfiar dos nomes singulares e ridículos que alguns Espíritos usam para se imporem, como também, daqueles que com muita facilidade se apresentam com nomes venerados;
- os bons Espíritos são cuidadosos com os conselhos que dão, além da prudente reserva que guardam sobre os assuntos que possam trazer comprometimento;
- os bons Espíritos só prescrevem o bem e jamais aconselham senão o que seja perfeitamente racional;
- os Espíritos maus ou imperfeitos se traem por indícios materiais. A ação sobre o médium é, às vezes, violenta e brusca, causa uma agitação febril e destoa da calma e da doçura dos bons Espíritos;
- os Espíritos imperfeitos dão conselhos pérfidos e excitam a desconfiança e a animosidade contra os que lhes são antipáticos;
- os Espíritos dos que na Terra não se desprenderam da matéria mantêm as idéias terrenas preconceituosas e, até mesmo, manias que tinham neste mundo;
- os conhecimentos de que alguns Espíritos se enfeitam não são sinais de superioridade. A pureza dos sentimentos morais é que demonstra sua elevação;
- é preciso distinguir os Espíritos para interrogá-los sobre a verdade. Os inferiores, ignorantes mesmo, tratam com frivolidade as questões sérias. Também não basta ter tido um grande nome na Terra para ter a soberana ciência, só a virtude pode aproximá-los de Deus e desenvolver seus conhecimentos;
- o gracejo dos Espíritos superiores é fino e vivo, sem ser trivial. Nos zombadores, quando não são grosseiros, utilizam a sátira mordaz.

Inteirando-se da natureza e identidade dos espíritos e da natureza das suas comunicações, sentimo-nos mais seguros, conscientes para o trabalho como dialogador. Mesmo assim, é preciso estar vigilante, pois é permitida aos Espíritos em dificuldades a manifestação para que através do aprendizado possamos distinguir os bons dos maus. É o que responderam os Espíritos a Kardec, quando este os interrogou do porquê de permitir Deus a comunicação dos maus Espíritos:

Ainda mesmo no que haja de pior, um ensinamento sempre se colhe. Toca-vos saber colhê-lo. Mister se faz que haja comunicações de todas as espécies, para que aprendais a distinguir os bons Espíritos dos maus, e para que vos sirvam de espelho a vós mesmos.<sup>41</sup>

#### 4 DIÁLOGO/DOCTRINAÇÃO

Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Peço-te que não me atormentes. E perguntou-lhe Jesus, dizendo: Qual é o teu nome? E ele disse: Legião. (Lucas; 8: 28-30).

O diálogo mantido entre Jesus e o endemoninhado gadareno, ou seja, entre a luz e a treva, entre a verdade e o erro, é digno de análise cuidadosa pelo aprendiz do evangelho. A afabilidade e a doçura, filhas da benevolência, são virtudes características dos Espíritos Superiores e Jesus as tinha em abundância. Por que, então, a presença do Cristo atormentava aquela criatura? Seria ele capaz de causar tormentos a quem quer que seja? Emmanuel, sondando a intimidade das palavras do Cristo, revela que a presença do Mestre "(...) trazia-lhe clareza suficiente para contemplar o martírio da própria consciência, atolada num pântano de crimes e defecções tenebrosas. A luz castigava-lhe as trevas interiores e revelava-lhe a nudez

<sup>41</sup> KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIV, Segunda Parte, item 268, questão 16.

dolorosa e digna de comiseração”.<sup>42</sup> Percebemos, então, que o sofrimento daquele companheiro se deu por reconhecer, em si mesmo, as chagas morais, agora descobertas pela claridade amorosa de Jesus. Àquele que se propõe a realizar a tarefa de dialogar com os Espíritos, o cuidado com a palavra é fundamental para que não falte nem a verdade que esclarece, apropriada à capacidade de compreensão da entidade sofredora, nem a caridade que compreende e auxilia. A palavra, qualquer que ela seja, conforme nos relata André Luiz, aparece carregada de energias elétricas específicas, libertando raios de natureza dinâmica. Assim descreve o autor espiritual:

A mente, como não ignoramos, é o incessante gerador de força, através dos fios positivos e negativos do sentimento e do pensamento, produzindo o verbo que é sempre uma descarga eletromagnética, regulada pela voz. Por isso mesmo, em todos os nossos campos de atividade, a voz nos tonaliza a exteriorização, reclamando apuro de vida interior, de vez que a palavra, depois do impulso mental, vive na base da criação.<sup>43</sup>

Embora a palavra saia da boca, a fonte emissora dela será sempre o coração, a exteriorizar os sentimentos que cultivamos. “O que sai do coração e da mente, pela boca, é força viva e palpitante, envolvendo a criatura para o bem ou para o mal, conforme a natureza da emissão”.<sup>44</sup> No livro *Nos Domínios da Mediunidade*, Raul Silva, sob a influência do Espírito de Clementino, ao chamar Libório – Espírito desencarnado em sofrimento – de irmão, comove-o profundamente, pois as “(...) palavras foram pronunciadas com tamanha inflexão de generosidade fraternal que o hóspede não pode sopitar o pranto que lhe subia do âmago”.<sup>45</sup> Durante todo o atendimento, percebeu-se que “(...) não eram as palavras a força que o convencia, mas sim o sentimento irradiante com que eram estruturadas”.<sup>46</sup> Logo, outro não deve ser o sentimento do doutrinador/dialogador, senão o de auxiliar sem alarde, esclarecer sem julgar, amar sem compactuar com o erro, oferecendo aos Espíritos sofredores sua estima e respeito, como a recordar as palavras do Mestre: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei”.<sup>47</sup>

Precisamos salientar, ainda, que o amparo dos Benfeitores Espirituais, através da intuição, nunca faltará ao dialogador. No entanto, é preciso criar ambiente psíquico capaz de registrar a influência natural desses amigos, não podendo esta preparação ser feita nos últimos minutos anteriores ao início das atividades, senão diariamente, educando o modo de falar, evitando rugas e discussões, destacando o bem em todas as situações, abstendo-se de comentários maléficos, desenvolvendo conversações edificantes; em suma, educando pensamentos, palavras e ações.

Nessa direção, podemos destacar um registro interessante no evangelho de Lucas. Nele é narrado o episódio no qual dois discípulos que se dirigiam para Emaús, ao falarem sobre a crucificação de Jesus, foram abordados por um peregrino que lhes notou a tristeza. Este peregrino era o próprio Mestre, que os acompanhava. Entretanto, os olhos dos discípulos estavam fechados e eles não reconheceram Jesus. Somente ao chegarem à aldeia puderam reconhecê-lo. Nesse instante, o Mestre, fazendo como quem ia para longe, ouve dos discípulos: “(...) Fica conosco, porque já é tarde, e já declinou o dia. E entrou para ficar com eles”.<sup>48</sup> Contudo, os discípulos só abriram os

<sup>42</sup> EMMANUEL. *Pão Nosso*, cap. 19.

<sup>43</sup> ANDRÉ LUIZ. *Entre a Terra e o Céu*, cap. 22, p. 137

<sup>44</sup> EMMANUEL. *Vinha de Luz*, cap. 97.

<sup>45</sup> ANDRÉ LUIZ. *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 7.

<sup>46</sup> *Ibidem*.

<sup>47</sup> ALMEIDA. *Bíblia Sagrada*, Mateus; 11:28.

<sup>48</sup> *Ibidem*, Lucas; 24:29.

olhos e reconheceram Jesus depois que já estavam sentados à mesa, quando o Mestre partiu o pão e entregou-o a eles. Nessa passagem, podemos inferir que, quando conservamos nossas mentes nas sombras das tristezas e das preocupações, não temos sintonia capaz de absorver as influências benéficas dos mensageiros do Cristo. A exemplo dos discípulos, somente quando desanuviávamos o pensamento, assentando à mesa com Jesus, e partilhávamos o pão espiritual do entendimento e do amor é que identificamos com clareza as sugestões edificantes do Plano Superior no trabalho de assistência espiritual.

#### 4.1 O conceito

Segundo o Dicionário Aurélio, dialogar significa um grupo de duas ou mais pessoas ou entidades travarem ou manterem entendimento com vistas à solução de problemas comuns; significa ainda entender-se; comunicar-se. Doutrinar é instruir numa doutrina, ensinar. O Espírito Emmanuel, interrogado sobre a diferença entre doutrinar e evangelizar, assim se expressa:

Há grande diversidade entre ambas as tarefas. Para doutrinar, basta o conhecimento intelectual dos postulados do Espiritismo; para evangelizar é necessário a luz do amor no íntimo. Na primeira, bastarão a leitura e o conhecimento; na segunda é preciso vibrar e sentir com o Cristo. Por estes motivos, o doutrinador muitas vezes não é senão o canal dos ensinamentos, mas o sincero evangelizador será sempre o reservatório da verdade, habilitado a servir às necessidades de outrem, sem privar-se da fortuna espiritual de si mesmo.<sup>49</sup>

Em sua obra *No Mundo Maior*, André Luiz narra um caso em que podemos verificar a ação imprescindível do amor. A irmã Cipriana, portadora do divino amor fraternal, presta socorro a dois companheiros que há muito se mantinham vinculados. De um lado Pedro, com graves problemas físicos, desencadeados pela culpa e pelo remorso, pois havia posto fim à vida de Camilo que, de outro lado, se transformara em seu verdugo impiedoso. Acompanhando Calderaro na assistência aos infortunados, enquanto aguardava a chegada de Cipriana, André Luiz pergunta ao instrutor porque não tentar o esclarecimento verbal. Ao que ele responde:

(...) se o conhecimento auxilia por fora, só o amor socorre por dentro. (...) Com a nossa cultura retificamos os efeitos, quanto possível, e só os que amam conseguem atingir as causas profundas. Ora, os nossos desventurados amigos reclamam intervenção no íntimo, para modificar atitudes mentais em definitivo... E nós ambos, por enquanto, apenas conhecemos, sem saber amar... (...) – O coração que ama está cheio de poder renovador. Certa feita, disse Jesus que existem demônios somente suscetíveis de regeneração “pelo jejum e pela prece”. Às vezes, André, como neste caso, o conhecimento não basta: há que ser o homem animado da força divina, que flui do jejum pela renúncia, e da luz da oração, que nasce do amor universal.<sup>50</sup>

Nesse sentido, nossa proposta é manter um diálogo amigo, fraterno e esclarecedor, utilizando para isso os conceitos da Doutrina Espírita e do Evangelho. A palavra tem uma grande penetração, o nosso tom de voz traduz a nossa disposição. Segundo Emmanuel: “Os elementos psíquicos que exteriorizamos pela boca são potências atuantes em nosso nome, fatores ativos que agem sob nossa

<sup>49</sup> EMMANUEL. *O Consolador*, Questão 237.

<sup>50</sup> Cf. ANDRÉ LUIZ. *No Mundo Maior*, cap. 4 e 5.

responsabilidade, em plano próximo ou remoto, de acordo com as nossas intenções mais secretas”.<sup>51</sup>

O doutrinador deve evitar esclarecimentos longos, intermináveis, nos quais o desencarnado não tenha tempo de se expressar. É preciso que eles falem de seus problemas; o processo é de diálogo e não monólogo. Por outro lado, ele não pode deixar que o comunicante fale o tempo todo, perdendo o ensejo de proporcionar-lhe algumas reflexões. O diálogo deve fluir naturalmente, numa interposição fraternal de idéias; não deve também ter o formato discursivo no qual o Espírito e o dialogador falem separadamente, ora um, ora outro. Além disso, o orientador deve lembrar-se de que muitos outros espíritos estão ouvindo a conversa e recolhendo as orientações e benefícios por ela gerados. A duração e o direcionamento do diálogo ficará a critério do bom senso e da intuição do orientador, pois não há uma situação igual à outra. Logo, cada caso pedirá um tipo de comportamento do dialogador, mas todas as suas atitudes devem pautar-se no discernimento com Kardec e na caridade com Jesus.

## 4.2 Finalidade

Os Instrutores Espirituais, quando responderam à pergunta abaixo, mostraram que a moralização do ser é o caminho para o progresso:

Não se pode combater a influência dos maus espíritos, moralizando-os?  
 “Sim, mas é o que não se faz e é o que não se deve descurar de fazer, porquanto, muitas vezes, isto constitui uma tarefa que vos é dada e que deveis desempenhar caridosa e religiosamente. Por meio de sábios conselhos, é possível induzi-los ao arrependimento e apressar-lhes o progresso.”<sup>52</sup>

Na reunião mediúnica, a finalidade do diálogo com os espíritos é de grande profundidade. Se nos colocarmos, por alguns instantes, na posição desses irmãos, começaremos a entender melhor as suas dores e os seus sofrimentos. É o que Hermínio C. Miranda, no livro *Diálogo com as Sombras*, esclarece ser a “faculdade da empatia, ou seja, apreciação emocional dos sentimentos alheios”. Não deve faltar, também, certa “psicologia cristã” para que haja mudança nos conceitos e idéias errôneas ou cristalizadas.

Por esse motivo, ao encarnado encarregado de dialogar não podem faltar: paciência e tolerância. Se não fizermos uso dessas virtudes, não conseguiremos pacificar esses irmãos, podendo até mesmo perder a oportunidade do esclarecimento. Eles precisam de nosso apoio, pois não conseguem sair sozinhos das dificuldades. Mesmo que o diálogo seja repetitivo, é preciso paciência e muito amor, pois só com esses recursos a semente frutificará.

No capítulo 17, de *Missionários da Luz*, temos um exemplo de doutrinação em que podemos observar a serenidade do doutrinador no atendimento a um irmão desventurado. Tratava-se de um companheiro desencarnado que havia sido sacerdote e que, por intermédio de sua mãe, fora levado à reunião para receber os esclarecimentos necessários. O doutrinador humano, orientado intuitivamente por Alexandre – benfeitor espiritual –, dirigia a tal espírito algumas palavras, fato ao qual ele reagia, a princípio, com imenso desespero, pronunciando palavras fortes que lhe denunciavam a rebeldia. Entretanto, diz-nos André Luiz que “o interlocutor, contudo, falava-lhe com serenidade cristã, revelando-lhe a superioridade do Evangelho vivido sobre o Evangelho interpretado”.

<sup>51</sup> Cf. EMMANUEL. *Vinha de Luz*, cap. 97, p. 208.

<sup>52</sup> KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIII, Item 254, Questão 5.

Além da paciência e da tolerância, a fé e a confiança são quesitos fundamentais para o bom termo da tarefa. Com eles, o dialogador se sentirá seguro, com a certeza da presença dos amigos espirituais. Esta afirmativa encontra respaldo na passagem evangélica na qual Jesus respondeu aos discípulos que lhe perguntaram por que eles não puderam, expulsar o demônio. “E Jesus lhes disse: Por causa da vossa pouca fé”.<sup>53</sup> Busquemos, então, a fé viva, inabalável, sincera e convicta.

Quando analisamos o entrosamento entre Raul Silva – doutrinador – e Clementino – benfeitor espiritual -, apresentados por André Luiz no livro *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 3, 4 e 5, podemos avaliar o valor da fé e da confiança no trabalho de socorro aos desencarnados, ilustrados nos capítulos seguintes desta obra. Contamos André Luiz que, poucos minutos antes de iniciar o trabalho da noite, deu entrada no recinto o dirigente espiritual, Clementino, que, colocando-se perto de Raul Silva em muda reflexão, pousou a destra na sua frente mostrando-se mais humanizado, quase obscuro, isso porque “(...) amorteceu o elevado tom vibratório em que respira habitualmente, descendo à posição de Raul, tanto quanto lhe é possível, para benefício do trabalho começante.” A partir de então, Clementino passa a intuir Raul Silva na condução do trabalho e dos diálogos “(...) à maneira dum musicista emérito manobrando, respeitoso, um violino de alto valor, do qual conhece a firmeza e a harmonia”.

Calma e recolhimento são duas outras condições que não devem faltar ao dialogador. Os Espíritos são as almas dos homens, carentes pelas faltas cometidas e que merecem nosso respeito. O tratamento e a recepção dada a eles deve ser o mesmo que gostaríamos de receber se estivéssemos na mesma posição.

Ainda no livro *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 6 e 7, página 61, André Luiz sensibiliza-nos sobremaneira ao contar o tratamento amoroso dispensado a desventurado irmão, após ter sido acolhido por Raul Silva, que assim agia como se o fizesse a um familiar que regressasse demente ao santuário doméstico. Tratava-se de um companheiro desencarnado, chamado Libório, que não tinha consciência da própria condição, caminhando à maneira de um surdo-cego constrangido por forças que não conseguia identificar. Desencarnou em plena atividade orgânica, depois de extenuar-se em festiva loucura, através de letal intoxicação que cadaverizou-lhe o corpo, passando, em seguida, a obsidiar a mulher amada. Sob a influência de Clementino, Raul Silva dirigiu-se ao comunicante com bondade nestes termos: “- Meu amigo, tenhamos calma e roguemos o amparo divino!” Ao que ele respondeu declarando-se doente, desesperado. Silva, então, pediu-lhe para não perder a confiança no Pai Celestial, pródigo de amor, recebendo, de Libório, palavras ásperas entre risada irônica. A paciência do doutrinador, diz André Luiz, sensibilizava a todos. Ainda, no decorrer do diálogo, o desencarnado em sofrimento percebe a presença dos outros integrantes do grupo mediúnico perguntando, em seguida, o que faziam ali aqueles cavalheiros silenciosos e aquelas mulheres mudas, o que pretendiam dele. Raul Silva, com inflexão de bondade e carinho, demonstrando recolhimento e concentração no trabalho de assistência espiritual, diz: “- Estamos em prece por sua paz”.

Certamente estamos nos esforçando para adquirir estas qualidades da alma, apesar de nossas capacidades serem ainda muito limitadas. Contudo, desde que tenhamos boa-vontade e disposição para servir, a ação dos Mentores Espirituais podem nos potencializar os recursos. Exemplo desse fato é narrado por André Luiz:

(...) Clementino passou a emitir raios fulgurantes, ao mesmo tempo que o cérebro de Silva, sob os dedos do benfeitor, se nimbava de luminosidade

<sup>53</sup> ALMEIDA. *Bíblia Sagrada*, Mateus; 17:20.

intensa, embora diversa. O mentor desencarnado levantou a voz comovente, suplicando a Benção Divina com expressões que eram familiares, expressões essas que Silva transmitiu igualmente em alta voz, imprimindo-lhes diminutas variações.<sup>54</sup>

Nunca faltará amparo ao condutor do trabalho. Cabe a cada um de nós, encarnados, nos conscientizarmos da seriedade do trabalho que pretendemos efetuar, cumprindo a nossa parte, pois os amigos espirituais estão sempre presentes em um grupo sério. Acerca disso nos elucidou o Espírito Áulus:

Nossos companheiros (...) fazem o serviço de harmonização preparatória. (...) Sabem que não devem abordar o mundo espiritual sem a atitude nobre e digna que lhes outorgará a possibilidade de atrair companhias edificantes e, por esse motivo, não comparecem aqui sem trazer ao campo que lhes é invisível as sementes do melhor que possuem.<sup>55</sup>

Se todos têm uma quota de participação no trabalho, também o terá o doutrinador, peça valiosa nesse contexto. No próximo tópico enfocaremos as condições e recursos-necessários para esse trabalhador.

## 5 DOUTRINADOR/DIALOGADOR<sup>56</sup>

Retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina, como para convencer os contradizentes. Paulo (Tito; 1:9).

Retomando as idéias emitidas sobre o grupo mediúnico no item 2, associamo-lo a um corpo formado por vários membros, no qual cada um desempenha sua função particular e indispensável. Na epístola de Paulo aos Coríntios, versículos 16 e 17 do capítulo 12, temos os seguintes esclarecimentos do apóstolo: “E se a orelha disser: Por que não sou olho não sou do corpo; não será por isso do corpo? Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido onde estaria o olfato?”. É notável a preocupação de Paulo em mostrar que num corpo nenhum membro deve se sentir superior ou inferior a outro, porque “(...) se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo?”<sup>57</sup> Dessa maneira, o trabalho mediúnico é o resultado de uma ação coletiva, que mais eficiente será quanto melhor for o empenho de cada um no cumprimento da sua função com consciência de conjunto.

O doutrinador/dialogador, como todos nós, desempenha papel importante, porém sem privilégios dentro do grupo. O êxito do seu trabalho dependerá do entrosamento, da afinidade e da sintonia entre toda a equipe mediúnica. No momento em que se dá a manifestação do Espírito necessitado, todos os componentes do grupo manifestam o desejo de ajudá-lo. Nesse instante, o dialogador será o “(...) pólo centralizador desse conjunto de emoções positivas, estabelecendo-se uma corrente magnética que envolve o comunicante e que ajuda, concomitantemente, ao que esclarece”.<sup>58</sup> Suas palavras representarão os pensamentos de alívio e socorro emitidos pelos presentes à reunião e por ele próprio que, recebendo “(...) o influxo amoroso do Mentor da reunião, terá condições de dirigir a conversação para o rumo mais acertado

<sup>54</sup> ANDRÉ LUIZ. *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 5, p. 46 e 47.

<sup>55</sup> *Ibidem*, cap. 2, p. 25.

<sup>56</sup> Mantivemos o termo “Doutrinador” por encontrá-lo na literatura espírita, sendo, nos dias atuais, muito difundidos os termos: “Dialogador” e “Esclarecedor”.

<sup>57</sup> ALMEIDA. *Bíblia Sagrada*, I Coríntios; 12:19.

<sup>58</sup> SCHUBERT. *Obsessão / Desobsessão*, cap. 6, p. 142.

que atinja o cerne da problemática que o Espírito apresenta.”<sup>59</sup> Para que este “pólo centralizador” seja cada vez mais dócil à intuição e à inspiração do Mentor da reunião, é preciso o esforço diário na superação das suas dificuldades íntimas, procurando manter a disciplina, a ética, o equilíbrio e a humildade. Manoel Philomeno de Miranda considera que o dialogador deve ter a “(...) lucidez do preposto para diálogos, cujo campo mental deve oferecer possibilidades de fácil comunicação com os Instrutores Desencarnados (...)”.<sup>60</sup> Atentar-se para tal fato significa estar consciente do seu papel de condutor das palavras por delegação dos Mentores Espirituais, evitando, assim, discussões improdutivas, debates irrelevantes ou esclarecimentos precipitados que podem prejudicar o atormentado “(...) que ignora o transe grave de que é vítima, em cujas teias dormita semi-hebetado, apesar da ferocidade que demonstre ou da agressividade de que se revista”.<sup>61</sup>

Alguns companheiros acreditam que por falarem mais alto que o Espírito comunicante ou por se mostrarem sabedores em assuntos filosóficos e doutrinários, terão poder sobre tais espíritos. Entretanto, o apóstolo Paulo nos adverte que se “retivermos firme a fiel palavra, seremos poderosos”<sup>62</sup>, o que equivale a dizer sobre a necessidade de trabalhar em si mesmo os conselhos destinados a outrem, esforçar-se por vivenciá-los para provarmos a coerência das palavras pelas nossas ações. Allan Kardec<sup>63</sup> também afirma que a única forma de atuar sobre o Espírito, de tocar suas fibras mais íntimas está na razão da superioridade moral do dialogador. Aquele que procura aplicar em si mesmo o que ensina torna-se propagador da verdade e suas palavras têm poder de ação, sendo capaz de levar um irmão desencarnado a entender o problema que o aflige e a reconhecer que suas atitudes trazem dificuldades para os outros, gerando reflexos para ele mesmo. Só assim conseguiremos que esse espírito desencarnado renuncie ao desejo de praticar o mal e desponte para o arrependimento, ação que dará início à busca de sua melhoria e, conseqüentemente, à libertação do encarnado envolvido no processo. O trabalho se faz intenso a fim de que esse momento se realize com proveito. No livro *Trilhas da Libertação*, somos alertados para a sutileza desse instante:

(...) em reuniões desta natureza, é a sintonia mental, moral e espiritual entre aquele que a dirige no plano físico e os responsáveis espirituais pela tarefa, porquanto a identificação dos comunicantes e o diálogo com eles muito dependem dessa afinidade. Qualquer tentativa precipitada, sem uma clara percepção de propósitos, põe a perder grandes esforços empenhados, até o momento, que é a parte final de dias e até meses, para ser conseguida a remoção da Entidade do seu lugar e trazida ao intercâmbio libertador.<sup>64</sup>

Ainda nesta mesma obra, na página 90, Manoel P. de Miranda declara ser o Senhor Almiro o “protótipo do médium-doutrinador”, porque aliava o conhecimento espírita às qualidades morais e mostrava-se sensível à inspiração dos Mentores, sendo sua palavra impregnada de força esclarecedora capaz de remover os obstáculos naturais com que trabalhava.

Nessa esfera de reflexão, há ainda outro ponto a se considerar: assim como procuramos dar aos encarnados um tratamento digno e cordial, da mesma maneira devemos agir com os desencarnados, evitando palavras ásperas ou ameaçadoras. Recomenda-nos Paulo a fiel palavra para que sejamos poderosos tanto para

<sup>59</sup> SCHUBERT. *Obsessão/Desobsessão*, cap. 6, p. 142.

<sup>60</sup> MIRANDA. *Grilhões Partidos*, p. 16 e 17, Prolusão.

<sup>61</sup> *Ibidem*.

<sup>62</sup> ALMEIDA. *Bíblia Sagrada*, Epístola de Paulo - Tito; 1:9.

<sup>63</sup> KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, item 254, 5ª Questão.

<sup>64</sup> MIRANDA. *Trilhas da Libertação*, p. 89.

admoestar quanto para convencer<sup>65</sup>. Admoestar significa advertir amigável ou benevolmente e convencer é persuadir com argumentos, razões ou fatos. O doutrinador/dialogador deve, portanto, atentar-se para o significado dessas palavras a fim de alcançar-lhes o sentido mais profundo. As advertências direcionadas aos Espíritos necessitados devem ser revestidas de amor, com o intuito de que eles não se sintam perante um tribunal, mas diante de amigos que desejam a sua felicidade. Os argumentos utilizados pelo dialogador devem estar embasados no desejo de que tais Espíritos se esclareçam, convencendo-os através da razão, sem neutralizar-lhes, no entanto, a capacidade de raciocínio e sem desrespeitar-lhes o livre-arbítrio. As palavras podem, portanto, beneficiar ou prejudicar, auxiliar ou destruir, ferir ou consolar, dependendo do sentimento com que são proferidas. Acerca disso, a benfeitora Joanna de Angelis aconselha ao doutrinador ungi-se de compreensão e falar aos desencarnados que sofrem com “a ternura de um irmão e o respeito de um amigo”.<sup>66</sup>

## 5.1 Condições

Vimos, nas elucidações acima, que o estado psíquico e emocional do doutrinador/dialogador terá influência direta no diálogo com os Espíritos e no nível de sintonia com os Amigos Espirituais. Por esse motivo, é de grande importância que o dialogador faça uma auto-avaliação, a fim de verificar em que estado íntimo se encontra, pois aquele que se dirige à tarefa de assistência espiritual carregando o desânimo moral, a preguiça mental e a fé abalada pelas dificuldades do dia a dia não conseguirá transmitir alívio e bom ânimo àquele que está caído, e nem lhe captar a confiança, além de bloquear a própria mente às instruções superiores do trabalho em pauta. Não queremos dizer, com isso, que a pessoa que recebeu o encargo de dialogar com os Espíritos não enfrente dificuldades íntimas. Trata-se de um companheiro, como qualquer encarnado, sujeito às falhas, necessitado de compreensão e amparo para o bom cumprimento da tarefa. No entanto, cabe-nos demonstrar a assistência contínua dos Amigos Espirituais a fim de que não falem o estímulo necessário e a perseverança vitoriosa.

Não podemos olvidar que o trabalho mediúnico obedece à programação idealizada antes mesmo da reencarnação, na qual os companheiros que assumem tal compromisso, em face das suas necessidades de reajustamento com a Lei Divina e de iluminação de si mesmos, são investidos de recursos variados. Os Amigos Espirituais, endossando o pedido de serviço, disponibilizam toda a instrumentalidade necessária ao bom desempenho da tarefa, desde a preparação no Plano Espiritual até o reencarne de companheiros que se dispõem, na condição de pais, irmãos, cônjuges e amigos, a nos apoiar nos serviços redentores. Entretanto, “(...) a missão do doutrinador é muitíssimo grave (...)”<sup>67</sup> e o dever de amparar as organizações mediúnicas requer muita vigilância e discernimento para não perder o foco do trabalho, muitas vezes prejudicado pela vaidade e pelo apego à posição de comando. O doutrinador deve estar ciente de que sua função no grupo não é a de “(...) estimular fenômenos, mas colaborar na iluminação de companheiros encarnados e desencarnados.”<sup>68</sup> Caso contrário, repetirá o erro cometido pelo irmão Monteiro – personagem do livro citado – que, segundo explicação da irmã Veneranda – valorosa trabalhadora, também personagem desta

<sup>65</sup> ALMEIDA. *Bíblia Sagrada*, Epístola de Paulo - Tito; 1:9.

<sup>66</sup> ÂNGELIS. *Leis Morais da Vida*, cap. 60.

<sup>67</sup> Cf. ANDRÉ LUIZ. *Os Mensageiros*, cap. 11, p. 68.

<sup>68</sup> ANDRÉ LUIZ. *Os Mensageiros*, cap. 12, p. 68.

obra –, “se entregou excessivamente ao Espiritismo prático junto aos encarnados, mas nunca se interessou pela prática do Espiritismo junto de Jesus, nosso Mestre”.<sup>69</sup>

Bem sabemos que o semeador da palavra divina encontra obstáculos e provações e, por este motivo, devemos incentivá-lo à oração constante, à meditação minuciosa do evangelho e a não interromper os passos no serviço do bem, porque, segundo André Luiz, “(...) justamente na execução de seus próprios encargos é que os Mensageiros de Deus encontrarão os meios de trazerem a você o socorro preciso.”<sup>70</sup> Além disso, o trabalhador poderá beneficiar-se, quando necessário, do passe, da água fluidificada, de um bom conselho, além de poder encontrar no próprio ambiente em que colabora o amparo de que necessita. No entanto, esses procedimentos terapêuticos não devem ser usados indiscriminadamente, a ponto de gerar dependência, prejudicando-lhe a caminhada, ao invés de servir de auxílio. Tais terapias devem atuar como complemento ao trabalho essencial, como, por exemplo, o da auto-evangelização, uma vez que, na realidade, temos necessidade mesmo é de luz própria, como nos asseverou Jesus: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens.”<sup>71</sup>

O doutrinador/dialogador não pode dispensar o esforço por adquirir as qualidades ou aptidões básicas ao bom desempenho do trabalho. Tais aptidões podem ser extraídas, resumidamente, das colocações de Hermínio Miranda, no livro *Diálogo com as Sombras*. Segundo ele, o doutrinador necessita de:

- formação doutrinária muito sólida, apoiadas nos imprescindíveis livros da Codificação Kardequiana;
- familiaridade com o Evangelho de Jesus;
- autoridade moral;
- fé;
- amor.

As demais qualidades, tais como: paciência, sensibilidade, tato, energia, vigilância, humildade, destemor e prudência são igualmente importantes.

A postura evangélica é o ponto central dos nossos objetivos. Não podemos ser arrogantes e nem subestimarmos o espírito presente. O diálogo não pode ser uma disputa verbal ou demonstração de superioridade. Não podemos ter a pretensão de ser superiores; precisamos, pelo contrário, mostrar que estamos todos, encarnados e desencarnados, em aprendizado. E só no Evangelho encontraremos o poder da verdade e do amor, fonte de integração com as realidades espirituais e superação de nós mesmos. Aquele que busca a reforma íntima torna-se elemento útil. O espírito Áulus – já citado – explica a sintonia existente entre Clementino e Raul, comparando esse dirigente a um aparelho de radiofonia:

(...) A emissão mental de Clementino, condesando-lhe o pensamento e a vontade, envolve Raul Silva em profusão de raios que alcançam o campo interior, primeiramente pelos poros, que são miríades de antenas sobre as quais essa emissão adquire o aspecto de impressões fracas e indecisas.<sup>72</sup>

<sup>69</sup> ANDRÉ LUIZ. *Os Mensageiros*, cap. 12, p. 71.

<sup>70</sup> ANDRÉ LUIZ. *Aulas da Vida*, cap. 30, p. 96.

<sup>71</sup> ALMEIDA. *Bíblia Sagrada*, Mateus; 5:16.

<sup>72</sup> ANDRÉ LUIZ. *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 5, p. 49.

## 5.2 Recursos

O trabalho de dialogar com os Espíritos pode ser comparado a um hospital, no qual o doutrinador tem papel de enfermeiro ou médico dedicado, que trata com amor e respeito os enfermos que aí comparecem, procurando exercer com zelo seu papel. Assim como num hospital existem remédios, aparelhagem adequada, silêncio e outros instrumentos indispensáveis ao socorro daqueles que sofrem, também no grupo mediúnico serão preparados os recursos de assistência aos enfermos da alma. É preciso estar ciente, principalmente, de que a “(...) mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente”.<sup>73</sup> E, por isso, não podem faltar à equipe o devotamento, a seriedade, a disciplina e o comprometimento com a tarefa.

O amparo espiritual obedece a programa metódico, estabelecido pelos orientadores espirituais. Sob a custódia de amigos e familiares desencarnados, muitas entidades sofredoras e perturbadas são trazidas ao agrupamento mediúnico para serem beneficiadas. Chegam, com freqüência, revoltadas, barulhentas, dizendo palavras menos edificantes; de outras vezes, chegam sentindo dores ou se sentem confusas. Contudo, envolvidas pelas emanações espirituais do grupo, sentem-se constrangidas e calam-se imediatamente, impulsionadas por forças que desconhecem. O doutrinador/dialogador, atento ao trabalho à maneira de sentinela do bem, deve manter a ordem, solicitando aos presentes a vigilância e a oração, aguardando, confiante, o desenvolvimento espontâneo das atividades e as orientações que lhe chegarão pelas vias da intuição.

No versículo 20 do capítulo 10 do evangelho de Lucas, temos a seguinte anotação: “Mas não vos alegreis porque se vos sujeitem os espíritos; alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus”. Diz-nos o Espírito Emmanuel que alguns discípulos do evangelho exultam de contentamento porque os Espíritos perturbados se lhes sujeitem, contando, com entusiasmo, os resultados das doutrinações desenvolvidas nas sessões mediúnicas. Tais trabalhadores, no entanto, perdem-se nos “trabalhos práticos”, “(...) sequiosos por orientar, em contactos mais diretos, os amigos inconscientes ou infelizes dos planos imediatos à esfera carnal”.<sup>74</sup>

Considera o benfeitor Emmanuel que a orientação de Jesus, narrada por Lucas, é remédio adequado a situações como esta, em que “(...) os aprendizes, quase sempre interessados em ensinar os outros, esquecem, pouco a pouco, de aprender em proveito próprio”.<sup>75</sup> Os doutrinadores devem alegrar-se não por dominar as criaturas desencarnadas, mas sim por servirem de “canais para a Misericórdia Divina”, fonte real do bem, sendo o auxílio ministrado não propriamente por eles, mas pelos emissários de Jesus, caridosos e solícitos; “(...) que esse regozijo nasça da oportunidade de servir ao bem, de consciência sintonizada com o Mestre Divino, entre as certezas doces da fé, solidamente guardada no coração”.<sup>76</sup> Por isso, o doutrinador/dialogador deve se atentar para observar algumas qualidades, a serem usadas como recursos terapêuticos no trato com os Espíritos:

- amor - essencial na hora de dialogar;
- saber ouvir - paciência caridosa, para melhor compreender as dores dos irmãos;
- humildade/naturalidade - firmeza necessária, sem tom agressivo nem palavras difíceis. Não se esquecer da fragilidade em que se encontram os irmãos;

<sup>73</sup> KARDEC. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XXVI, Item 8 e 10.

<sup>74</sup> EMMANUEL. *Caminho, Verdade e Vida*, cap. 145.

<sup>75</sup> *Ibidem*.

<sup>76</sup> *Ibidem*.

- lógica com amor - sem qualquer ameaça ou censura - convite à reflexão dos seus dramas;
- prece - bálsamo na hora da dor;
- controle emocional - “quem chora ao lado de um amigo em posição perigosa desorganiza-lhe a resistência”.<sup>77</sup>
- ponderação e consistência - na tarefa de dialogar é preciso, acima de tudo, consolar, saber dosar as informações no momento propício; pois não podemos precipitar-nos com colocações inadequadas ao momento e à circunstância;
- aguardar o tempo - “Ninguém aguarde êxito imediato, ao procurar amparar os que se perderam na desorientação”.<sup>78</sup>

Também não podemos esquecer, conforme orientação de Kardec, as duas coisas a considerar nas palavras dirigidas aos Espíritos: a forma e o fundo.

Pelo que toca à forma, devem ser redigidas com clareza e precisão, evitando as questões complexas. Mas, outro ponto há não menos importante: a ordem que deve presidir à disposição das perguntas. (...). O fundo da questão exige atenção ainda mais séria, porquanto é, muitas vezes, a natureza da pergunta que provoca uma resposta exata ou falsa.<sup>79</sup>

Seja qual for o rumo da conversação mantida com o Espírito comunicante, não podemos esquecer que não falamos com os “mortos”, mas com individualidades “vivas”, cuja alma traz as marcas de uma vida desregrada, de uma enfermidade difícil, de relacionamentos de ódio e perseguição ou, às vezes, expulsas do corpo pelas portas do suicídio, da loucura, do aborto e do homicídio. De outras vezes, comparecem desesperadas, sem saber para onde ir, descrentes, céticas, revoltadas e inconformadas com a própria situação. A palavra amorosa e compreensiva do doutrinador/dialogador se exterioriza, então, como orvalho que suaviza o calor dos sofrimentos, fazendo renascer na alma a esperança, a fé e a paz. Dosada à capacidade e à necessidade de cada um, doutrinador/dialogados recebe, do Plano Espiritual, a força e a consistência necessárias ao empreendimento, como nos relata André Luiz, no livro *Nos domínios da Mediunidade*, ao observar as reações apresentadas por Raul:

(...) todo o busto, inclusive braços e mãos sob vigorosa onda de força, a eriçar-lhe a pele (...) como que “agradável calafrio”. Essa onda de força, descansava sobre o plexo solar, onde se transformava em luminoso estímulo, que se estendia pelos nervos até o cérebro, do qual se derramava pela boca, em forma de palavras.<sup>80</sup>

Nesse quesito, são vários os ângulos a serem observados, já que são muitas as nuances de Espíritos. O dialogador, bem como os outros componentes do grupo mediúnico, não podem desprezar nenhum dos irmãos que aí comparecem, pois, além de nos proporcionarem o ensejo de ação no bem, resgatando as nossas próprias faltas, os dramas morais que eles vivem servem de advertências para nós outros, que ainda nos situamos no campo de luta da matéria<sup>81</sup>. Segundo Yvonne Pereira, “(...) cada

<sup>77</sup> EMMANUEL. *Pão Nosso*, cap. 119, p. 250.

<sup>78</sup> *Idem*, *Caminho Verdade e Vida*, cap. 146, p. 307.

<sup>79</sup> KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. XXVI, Item 286.

<sup>80</sup> ANDRÉ LUIZ. *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 5, p. 47.

<sup>81</sup> Ver item 2.1 Conceito e Finalidade das Reuniões Mediúnicas da apostila “O DIRIGENTE DE REUNIÕES MEDIÚNICAS”, UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA.

obsidiado que se nos depare (...) constituirá um tratado de ricas possibilidades de instrução e aprendizado, visando à cura, quando a cura seja possível.”<sup>82</sup>

No próximo item, nos dedicaremos à análise dos tipos de Espíritos comunicantes, a fim de que o doutrinador/dialogador seja cada vez mais sagaz e eficiente no diálogo com os Espíritos.

## 6 OS ESPÍRITOS COMUNICANTES

Propondo estas coisas aos irmãos serás bom ministro de JesusCristo, criado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido.  
Paulo (I Timóteo; 4:6).

O *Livro dos Espíritos*<sup>83</sup> mostra claramente que a classificação dos Espíritos, “(...) se baseia no grau de adiantamento deles assim como nas qualidades que já adquiriram e nas imperfeições de que ainda terão de despojar-se”.

O Espírito Emmanuel nos instrui sobre a importância das reuniões de evangelização dos Espíritos que já deixaram o corpo denso, recordando-nos o seguinte:

(...) o homem, acima de tudo, é espírito, alma, vibração, e que esse espírito, salvo em casos excepcionais, se conserva o mesmo após a morte do corpo, com idênticos defeitos e as mesmas inclinações que o caracterizavam à face do mundo.<sup>84</sup>

Estes Espíritos costumam ser levados às nossas reuniões por se encontrarem ainda identificados com a matéria, vivendo intensamente as impregnações corporais e necessitando, por isso, ser colocados em contato com a verdade da sua nova situação. Por não terem capacidade de compreender a linguagem espiritual, eles carecem, assim, de ouvir a voz materializada dos encarnados que deve estar carregada de alentos, através das exortações evangélicas. Assim nos diz Emmanuel:

(...) as exortações evangélicas são, pois, lenitivos de muitos padecimentos morais, de muitas dores amaríssimas, que acompanham as almas após a travessia da morte. Há sofrendores a aliviar, ignorantes a instruir, sedentos de paz e de amor.<sup>85</sup>

Tais Espíritos são, por excelência, irmãos nossos que, como nós, não se preocuparam suficientemente com a questão moral e, portanto, não chegam cômicos da sua situação à luz espiritual. Edgar Armond<sup>86</sup> denomina essas comunicações como casos comuns e as divide em duas categorias principais: os Espíritos comunicantes que comparecem espontaneamente e os que são conduzidos. Os da primeira categoria podem ser:

- Espíritos errantes, atraídos por determinadas condições de ambiente;
- Espíritos familiares dos médiuns ou assistentes, que se esforçam por transmitir aos encarnados seus pensamentos e desejos;
- Protetores espirituais que agem em cumprimento de missões que solicitaram ou receberam.

<sup>82</sup> PEREIRA. *Recordações da Mediunidade*, cap. 10.

<sup>83</sup> KARDEC. *O Livro dos Espíritos*, questão nº 100.

<sup>84</sup> EMMANUEL. *Emmanuel*, cap. XXX, p. 157.

<sup>85</sup> *Ibidem*, p. 158.

<sup>86</sup> ARMOND. *Mediunidade*, cap. XXIX.

Já os da segunda categoria:

- Sofredores, Espíritos enfermos, perturbados habitantes das esferas inferiores do astral, mais aproximados da Terra (Umbral) e necessitados de assistência imediata;
- Obsessores, vinculados aos médiuns ou assistentes, em tarefas de resgates cármicos, ou por efeito de afinidades pessoais.

Joanna de Ângelis, comentando sobre as comunicações espirituais, refere-se à luta empreendida no passado para se tentar calar os desencarnados e silenciar os homens dotados de mediunidade. Mostra a simultaneidade que existe nas comunicações daqueles que se encontram no plano espiritual, que tanto podem se encontrar felizes e bons, quanto sofredores e infelizes. Assim ela diz:

(...) jamais predominou o silêncio em torno da tumba, graças ao acendrado interesse dos espíritos aos homens quanto ao futuro que preparam (...)  
São as mães e os pais carinhosos que retornam da sepultura de cinza e pó (...); são os esposos saudosos e dedicados que volvem, (...) a fim de anunciar os acontecimentos novos; (...) são os filhos ternos e afeiçoados que buscam os amores dos familiares (...); são os irmãos dedicados que trazem forças e coragem (...). Amigos e conhecidos, mentores e guias abnegados (...), conjugando esforços superlativos em benefício dos seus discípulos (...). Simultaneamente, são os seres errantes sedentos de vingança injustificada (...); aqueles que invejam e não se liberaram da amarga presença da maldade (...). São os inimigos do pretérito e de hoje que, (...) utilizando da sua situação de invisíveis (...) dão vasa às suas ojerizas e idiosincrasias ...  
O amor, porém, é a força que predomina em todos os intercâmbios espirituais.<sup>87</sup>

Em o livro *Os Mensageiros*, o amigo espiritual traz este esclarecimento a André Luiz:

André, meu amigo, nunca te negues, quanto possível, a auxiliar os que sofrem. Ao pé dos enfermos, não olvides que o melhor remédio é a renovação da esperança; se encontrares os falidos e os derrotados da sorte, fala-lhes do divino ensejo do futuro; se fores procurado, algum dia, pelos espíritos desviados e criminosos, não profiras palavras de maldição. Anima, eleva, educa, desperta, sem ferir os que ainda dormem. Deus opera maravilhas por intermédio do trabalho de boa vontade!<sup>88</sup>

Em o livro *O Céu e o Inferno*, encontramos exemplos de diálogos efetuados em reuniões sérias e amplamente observados pelo codificador, o que nos mostra a necessidade da avaliação. Aí se vê também que a prece tem o poder de atuar profundamente nesse trabalho, pois,

(...) Pela prece sincera, que é uma magnetização espiritual, provoca-se a desagregação mais rápida do fluido perispiritual; pela evocação conduzida com sabedoria e prudência, com palavras de benevolência e conforto, combate-se o entorpecimento do Espírito, ajudando-o a reconhecer-se mais cedo, e, se é sofredor, incute-se-lhe o arrependimento – único meio de abreviar seus sofrimentos.<sup>89</sup>

<sup>87</sup> JOANNA DE ÂNGELIS. *No Limiar do Infinito*, cap. 15, p. 121 e 122.

<sup>88</sup> ANDRÉ LUIZ. *Os Mensageiros*, cap. 44, p. 228 e 229.

<sup>89</sup> KARDEC. *O Céu e o Inferno*, cap. I, p. 173, item 15.

Esses diálogos mostram os Espíritos nas diferentes fases de felicidade e infelicidade da vida espiritual, como é a categoria dos Espíritos em condições medianas. Podemos classificá-los como os da terceira ordem, ou seja, Espíritos imperfeitos, ainda com predominância da matéria. Não são bons nem maus, mas há neles muita propensão para todas as paixões. Como nós, têm pouco conhecimento do mundo espiritual e o confunde nas suas idéias e preconceitos,

(...) entretanto, nas suas comunicações, mesmo imperfeitas, o observador atento encontra a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos superiores.<sup>90</sup>

Assisti a tudo quanto se passou esta noite; ouvi, compreendi e vou procurar a meu nuto cumprir o meu dever e instruir a classe dos Espíritos imperfeitos. (...) Bendito seja Deus, que me permitiu vir a um santuário, que não pode ser franqueado impunemente pelos maus. (...) Amigos, quanto vos agradeço, quanto de forças entre vós recobrei! (...) Com grande satisfação me constituo intérprete das almas sofredoras, porquanto é a homens de coração que me dirijo, na certeza de não ser repellido.<sup>91</sup>

Seguindo o raciocínio de Allan Kardec, observamos que entidades como estas, na fase infeliz da vida espiritual, isto é, Espíritos que se encontram em progresso mediano e, como tais, são conduzidos por circunstâncias, fortuitas ou não, a um ambiente de reuniões sérias, nas quais ouvindo o estudo dos encarnados, podem ser tocados e reconduzidos para depois se tornarem úteis aos seus irmãos em progresso, que transgrediram a lei. É importante ressaltar que esses Espíritos já aspiram à felicidade, denotam boa vontade, compreendem seus erros e, arrependidos, se voltam para Deus, a que negaram antes. Cabe ao dialogador incentivá-los à fé, ao bom ânimo e mostrá-los a perspectiva de um futuro melhor. Além dessa categoria, vejamos as outras:

- Espíritos sofredores

Quanto mais materializado o Espírito encarnado, mais sofre ao desencarnar, por sentir-se ligado ao seu corpo físico, devido à tenacidade dos laços que o prende. Este é geralmente um irmão nosso que olvidou a realidade da vida corporal no sentido de buscar as questões espirituais, comprazendo-se apenas com as necessidades físicas. Quando retorna ao mundo dos espíritos, deseja ocultar-se, não encontra abrigo ou repouso. É perseguido por outros Espíritos envolvidos no mal e se sente escarnecido, confuso e castigado, até encontrar "(...) a divina luz que o penetre e esclareça".<sup>92</sup>

O Espírito Emmanuel, em o livro *Caminho Verdade e Vida*<sup>93</sup>, comenta a passagem de Lucas 23:31 fazendo uma analogia do madeiro verde com Jesus, dizendo que Ele "é a videira eterna, cheia de seiva divina, espalhando ramos fartos, perfumes consoladores e frutos substanciosos entre os homens (...) Como tronco sublime da vida, sofreu por desejar transmitir-nos sua seiva fecundante". E continua Emmanuel em suas ilações, quando questiona: "Que não devemos esperar, por nossa vez, criaturas endividadas que somos, representando galhos ainda secos na árvore da vida?"<sup>94</sup>

<sup>90</sup> KARDEC. *O Livro dos Espíritos*, cap. I, Segunda Parte, questão 101.

<sup>91</sup> *Idem*, *O Céu e o Inferno*, cap. III, Segunda Parte, p. 255 e 256. Caso de Eric Stanislas.

<sup>92</sup> *Idem*, *O Céu e o Inferno*, cap. IV, 2ª parte: O Castigo.

<sup>93</sup> EMMANUEL. *Caminho Verdade e Vida*, cap. 82.

<sup>94</sup> ALMEIDA. *Bíblia Sagrada*. "Porque, se ao madeiro verde fazem isto, que se fará ao seco?"

Aprendemos na Doutrina Espírita sobre as leis de causa e efeito e, no Evangelho de Jesus, que a “cada um será dado segundo suas obras”<sup>95</sup>; portanto, devemos compreender que o Pai amantíssimo não é rigoroso nem implacável em suas leis, mas usa a sua Sabedoria e Amor, envolvido de compaixão por nós, em seus processos educativos.

Vejamos o relato do espírito Augusto Michel e também o exemplo retirado do livro *Os Mensageiros*:

(...) A queda que me ocasionou a morte do corpo perturbou profundamente o meu Espírito (...). Por que sofrer ainda, quando o corpo não mais sofre? Por que existir sempre esta dor horrenda, esta angústia terrível? (...) Oh! que cruel incerteza! Ainda estou ligado ao corpo. (...) Vinde orar sobre ele para que eu me desembarace (...) Ide a esse lugar – assim é preciso (...). Vejo que poderei ficar mais tranqüilo, mas volto incessantemente ao lugar em que depositaram o que me pertencia. (...) Compreendi as minhas faltas e espero que Deus me perdoe (...). Obrigado pelas vossas preces. Até outra vista.<sup>96</sup>

(...) Ai! ai! – respondeu a interpelada - nada vejo, nada vejo! Ah! O tracoma! Infeliz que sou! E me falam em morte, em vida diferente... Como recuperar a vista?! Quero ver, quero ver!

Calma – respondi, encorajado – não confia no poder de Jesus? Ele continua curando cegos, iluminando-nos o caminho, guiando-nos os passos! (...).<sup>97</sup>

Para esses Espíritos ainda apegados à matéria, aflitos ou em grande perturbação, a prece, sendo uma magnetização espiritual, tanto alivia as dores como ajuda na desagregação do fluido perispiritual, alcançando um resultado simultâneo à necessidade moral e material daquele ser. E, no que tange ao diálogo, é necessário haver tato, paciência e procurar entender a dor do semelhante.

- Espíritos suicidas

O suicida é como que um clandestino da Espiritualidade. As leis que regulam a harmonia do mundo invisível são contrariadas com sua presença em seus páramos antes da época determinada e legal; e tolerados são e amparados e convenientemente encaminhados porque a excelência das mesmas, derramada do seio amoroso do Pai Altíssimo, estabeleceu que a todos os pecadores sejam incessantemente renovadas as oportunidades de corrigenda e reabilitação.<sup>98</sup>

Os Espíritos suicidas são irmãos nossos, altamente comprometidos com as leis divinas que estão gravadas em nossas consciências. Possuem, como nós, um corpo perispiritual, cuja organização nervosa e sensibilidades gerais são ligadas ao corpo físico. Uma vez traumatizado esse corpo, através do auto-exterminio, por uma atitude impensada, tais espíritos carregam consigo – através da mente que edifica e produz, corporifica e retêm imagens – o momento cruel vivido nos últimos momentos da vida terrestre. Pela lei de afinidade, Espíritos como esses vivem em um ambiente onde se encontram aqueles que se eximiram de continuar as labutas promissoras da vida e, por isto, sofrem as lembranças mútuas, tornando este local confuso, com tragédias horrendas por toda parte, cobrindo de aflições e dores superlativas os que se encontram ali prisioneiros.

<sup>95</sup> ALMEIDA. *Bíblia Sagrada*, Mateus; 16:27.

<sup>96</sup> KARDEC. *O Céu e o Inferno*, p. 266/268. Caso Auguste Michel.

<sup>97</sup> ANDRÉ LUIZ. *Os Mensageiros*, cap. 44, p. 230.

<sup>98</sup> PEREIRA. *Memórias de um Suicida*, cap. V, p. 133.

De súbito, brado angustioso, de suprema desesperação, feriu a majestade do religioso silêncio que abençoava o cenáculo! Um dos míseros pares (...) arrojou-se de joelhos ao solo e suplicou por entre lágrimas:

– Jesus Cristo! Meu Senhor e Salvador! Compadecei-vos também de mim! (...) Enlouqueci no sofrimento! Socorrei-me, (...), por piedade! (...) A um sinal, (...) os bondosos enfermeiros ampararam-no, conduzindo-o ao médium (...). Comovido – a personagem principal da mesa – o presidente, a quem tutelares invisíveis amorosamente inspiram, fala-lhe piedosamente, consola-o apontando a luz sacrossanta do Evangelho do Mestre Divino como o recurso supremo e único capaz de socorrê-lo, afiançando-lhe ainda, com sua palavra de honra, a qual não tem dúvidas em empenhar, tal a certeza do que afirma, a intervenção do Médico Celeste, que proporcionará alívio imediato aos estranhos males que o afligem. Eleva então uma prece (...).<sup>99</sup>

O relato citado acima nos mostra a veracidade do intercâmbio existente entre o plano físico e o espiritual, em reuniões espíritas que são levadas a sério e bem dirigidas. Nesse caso, é interessante lembrar que, se a equipe buscar, além dos estudos da Doutrina Espírita, o esforço de manter os preceitos de nosso Mestre Jesus, tentando observar o seu Evangelho, manifestar-se-á a sua Presença real em Espírito e Verdade.

Houve todo um preparo entre os dois planos para que se realizasse o despertamento de um determinado suicida, cuja inércia mental não lhe permitia compreender a palavra harmoniosa dos mentores espirituais, necessitando do choque com a revivescência de vibrações animalizadas através da ação humana. Não faltou a misericórdia do Pai, que realiza os seus desígnios tendo sempre como medianeiro seus filhos, aqueles que se colocam como Seus servos.

Nesse sentido, faz-se necessário trazer à baila um caso de um grupo de Espíritos Suicidas que fora conduzido a determinado agrupamento mediúnico, previamente preparado pelos benfeitores espirituais. De acordo com Yvonne Pereira, na obra *Memórias de um Suicida*, entre eles, encontravam-se os Espíritos “retalhados”<sup>100</sup>, cujo estado de incompreensão e sofrimento muito grave exigira o concurso humano, a fim de que sua condição fosse suavizada. Um deles, suplicando socorro, apossou-se do médium, que percebe, inicialmente, as dores do desencarnado para depois aliviá-las pelo contato com as energias físico-psíquicas. Vejamos um trecho desse relato:

(...) As vibrações mentais dos assistentes encarnados, e particularmente da médium, cuja saúde físico-material, físico-astral, moral e mental, encontrava-se em condições satisfatórias, (...) reagiam contra as do comunicante que, viciadas, enfermas, positivamente descontroladas, investiam violentamente sobre aquelas, (...). Estabeleceu-se, assim, luta árdua na realização de sublime operação psíquica, uma vez que influências saudáveis, (...), fornecidos pela médium e pelos guias assistentes, deveriam impor-se e domar as emitidas pela entidade sofredora, (...). A corrente poderosa pouco a pouco apresentou os frutos salutareos que era de esperar, (...). Eram como que compressas anestésicas que se aplicassem na organização fluídica do penitente, (...). Era como sedativo divino que piedosamente gotejasse virtudes hialinas sobre suas chagas anímicas, *através do filtro humano representado pelo magnetismo mediúnico*, (...). E era como transfusão de sangue em moribundo que voltasse à vida após ter-se encontrado às bordas do túmulo, infiltração de essências

<sup>99</sup> Cf. PEREIRA. *Memórias de um Suicida*, cap. VI, p. 162.

<sup>100</sup> Espíritos suicidas que tiveram seus corpos materiais esfacelados pelas rodas de um trem de ferro, apresentando no corpo astral as trágicas sombras do esfacelamento, traduzidas por grande sofrimento e perturbação mental.

preciosas que a médium recebia do Alto, ou dos mentores presentes, em abundância, transmitindo em seguida ao padecente.<sup>101</sup>

São espíritos que necessitam de socorro espiritual, preces e, posteriormente, um retorno ao corpo físico, uma vez que destruíram aquele que receberam por instrumento de auxílio, não havendo outro recurso senão a repetição do programa terreno que não realizaram. Sem endossar o erro cometido, o dialogador deve procurar passar-lhes palavras de consolo e esperanças, indicando como caminho o Evangelho do Mestre Divino, único capaz de socorrê-lo.

- Criminosos arrependidos

Espíritos existem que, desligando-se da matéria, mais cedo ou mais tarde deparam a própria consciência, que muitas vezes costumamos desprezar durante a vida física, mas no momento aprazível ela se nos faz ouvir. Com esse ato, tais Espíritos se arrependem de toda iniquidade de sua conduta, embora não o tenham feito durante a vida. Quando ainda muito materializados, geralmente, em detrimento do orgulho, não somos capazes de administrar erros e fraquezas. Este estado lança como que um véu, obscurecendo as percepções espirituais. Após a ruptura deste véu, eis que surge a luz que aclara e, como na parábola do Filho Pródigo, caímos em nós.

(...) Ainda estou preso ao corpo. (...) Fiz mal em matar, mas a isso fui levado pelo meu caráter, que não podia tolerar humilhações (...) Não posso, porque estou louco... Esperai, que vou invocar toda a minha lucidez. (...) Intimido-me... não me atrevo a orar. (...) Dir-vos-ei que há apenas um que me apavora – o daquele a quem matei.<sup>102</sup>

(...) A manifestação imediata de melhores sentimentos é sempre indício de um progresso moral realizado, que apenas aguarda uma circunstância favorável pra se revelar, ao passo que a persistência mais ou menos longa no mal, depois da morte, é incontestavelmente a prova de atraso do Espírito, no qual os instintos materiais atrofiam o gérmen do bem, de modo a lhe serem precisas novas provações para se corrigir.<sup>103</sup>

Por ter desencarnado abruptamente, este Espírito encontra-se aturdido, sem saber sua real situação, se vivo ou morto. Ele teme o olhar de sua vítima, porém, isso lhe foi poupado devido a seu estado de arrependimento, "(...) mas outros Espíritos em circunstâncias idênticas, são constantemente açoitados pelo olhar das suas vítimas".<sup>104</sup>

O grande convertido de Damasco, Paulo de Tarso, em uma de suas cartas aos Efésios<sup>105</sup>, fala da grande luta que temos que travar, não contra a carne e o sangue, mas contra as hostes espirituais da maldade. Emmanuel esclarece que há um conflito silencioso e incessante na nossa intimidade, por termos acumpliciados abertamente com o mal, em nossas existências passadas. Ele fecha o assunto assim:

(...) nem as células orgânicas que nos servem, constituem os poderosos inimigos e, sim, as "hostes espirituais da maldade", com as quais nos sintonizamos através dos pontos inferiores que conservamos

<sup>101</sup> PEREIRA. *Memórias de um Suicida*, cap. VI, p. 160 e 163.

<sup>102</sup> KARDEC. *O Céu e o Inferno*, cap. VI, Segunda Parte, p. 328. Caso: Verger.

<sup>103</sup> *Ibidem*, p. 332.

<sup>104</sup> *Ibidem*, p. 331.

<sup>105</sup> ALMEIDA. *Bíblia Sagrada*, Efésios; 6:12.

desesperadamente conosco, (...) e que operam com sutileza, de modo a não perderem os ativos companheiros de ontem.<sup>106</sup>

O papel do dialogador é mostrar a esses Espíritos a condição de sair da idéia fixa, do erro, e de se reiniciarem em novas bases, lembrando que o Pai é misericordioso, justo e bom, e nos dá tantas oportunidades quantas forem necessárias, inclusive novas reencarnações.

- Espíritos Endurecidos

São entidades infelizes que sofrem, debatendo-se contra si mesmos a fim de se desvencilharem de suas mazelas. O orgulho é a barreira que os impede de aceitar a verdade. Obstina-se em uma falsa tranqüilidade e falso domínio da própria situação, quando na realidade se sentem constrangidos, desmascarados e desnudados em suas concupiscências.

A luz ofusca-me e penetra, qual flecha aguda, a sutileza do meu ser. (...) Eu quero ser o que sou!... Forte pelo pensamento, desdenhando os conselhos que zumbem aos meus ouvidos... Vejo claro... Um crime! (...) Não quero que me deplorem... nada peço... lutarei por mim mesmo, só, contra esta luz odiosa.<sup>107</sup>

Kardec avalia o caso, ao afirmar:

Analisada esta comunicação na assembléia seguinte, reconheceu-se no próprio cinismo da sua linguagem um profundo ensinamento, patenteando na situação desse infeliz uma nova fase do castigo que espera o culpado. (...) Essas palavras: – "sutileza do meu ser", são características, dando a entender que sabe que o seu corpo é fluídico e penetrável à luz, (...). Este Espírito aqui está colocado entre os endurecidos, em razão do muito tempo que levou, antes que manifestasse arrependimento - o que é também um exemplo a mais para provar que o progresso moral nem sempre acompanha o progresso intelectual. (...) Efetivamente enquanto alguns são imersos em trevas ou num absoluto insulamento, outros sofrem por longos anos as angústias da extrema hora, ou acreditam-se ainda encarnados.<sup>108</sup>

Quanto tempo durará esse estado? “Até o momento em que a vontade, por fim vencida, se curve constrangida pelo remorso, humilhada a frente altiva ante os Espíritos de justiça e ante a suas vítimas apaziguadas”.<sup>109</sup>

Do livro *Trilhas da Libertação*<sup>110</sup>, retiramos trechos importantes do diálogo de um Espírito em estado de endurecimento íntimo:

— Por que a violência? Terão desaparecido dos “mansos e humildes de coração” a paciência e a bondade?— interrogou com ironia mal disfarçada— Até quando, ou desde quando os bons se utilizarão da força para atender aos seus objetivos? Não há mais respeito pela liberdade individual?

— Compreendemos a alucinação que o domina, e tendo-a em vista, é que nos acercamos de você com carinho. Considere-nos, portanto, como amigos, que o somos, e que se compadecem do seu problema, de sua aflição.

— Não sou eu, no entanto, quem merece compaixão, mas ela que é uma criminosa...Eu estou recorrendo à justiça do desforço, a que têm direito as vítimas.

<sup>106</sup> EMMANUEL. *Pão Nosso*, cap. 160.

<sup>107</sup> KARDEC. *O Céu e o Inferno*, cap. VI, Segunda Parte, p. 361.

<sup>108</sup> *Ibidem*, cap. VII, Segunda Parte, Item I.

<sup>109</sup> *Ibidem*, Item II. Éraсте.

<sup>110</sup> MIRANDA. *Trilhas da Libertação*, p. 125 a 133.

— (...) A única justiça real, porém, é a que promana de Deus, que a inseriu nos códigos do amor, em igualdade de condições para todos (...)  
 — Eu sou-lhe a vítima. Não tenho direito a reivindicar justiça?  
 — Certamente que sim, e a justiça lhe será feita, não por você, que se encontra cego de razão e, talvez, com responsabilidade também nos infelizes acontecimentos em que foi envolvido, mas pela Vida.

Esses Espíritos demoram a aceitar qualquer tipo de ajuda. É preciso tocar seus sentimentos mais profundos, incentivando-lhes a “vontade” para serem felizes. Costuma ser uma tarefa longa. Nem sempre alcançamos o objetivo rapidamente, demandando várias reuniões.

- Espíritos Psicóticos

A esse respeito temos importante observação do Dr. Roberto Lúcio V. Souza:

São entidades que geralmente desencarnam nesta condição ou se desagregaram mentalmente, no mundo espiritual, pela postura emocional que sustentaram ali. Apresentam-se delirantes (pensamento desconexo e desagregado), alucinando (percepções, geralmente estruturadas nas suas próprias formas pensamentos), sem crítica da realidade e com os comportamentos desequilibrados, condizentes com os seus conteúdos mentais. Por causa da falta do senso da realidade e, conseqüentemente, de crítica, o diálogo é geralmente ineficaz. A melhor conduta é o acolhimento, com posterior indução hipnótica para o sono, o descanso e refazimento, promovendo o encaminhamento para uma instituição espiritual especializada.<sup>111</sup>

Através desses diálogos, sentimos as dores e aflições desses irmãos, dores algumas das vezes seculares. Não há como não compreendê-los. Yvonne Pereira ainda nos lembra que estes Espíritos

Geralmente, foram grandemente ofendidos, no passado reencarnatório, por suas vítimas atuais, ou mesmo na existência vigente. São, acima de tudo, grandes sofredores, tristes e frágeis, dominados por angústias e terrores indescritíveis. Protegê-los através das nossas preces enternecidas, elucidá-los com nossos conselhos diários, na conversação telepática, envolver seus infortúnios com a fraternidade sorvida nos Evangelhos, é também servir a Jesus e propagar sua Doutrina, porque é recuperar a ovelha transviada para o redil do Bem.<sup>112</sup>

Mas acreditamos que a alegria maior é daqueles que, conscientizados da grandeza deste trabalho, o fazem de coração. Yvonne Pereira endossa as nossas palavras:

Nenhuma conquista humana, nenhum prazer ou alegria deste mundo se poderá comparar à felicidade de um médium que já se viu envolvido em tarefa desse gênero. O consolo que ele próprio recebe, se sofre, a doçura inefável de que se sente invadir, ao verificar que conseguiu auxiliar um desses pequeninos a quem Jesus ama e recomenda, ultrapassa todas as venturas e triunfos terrenos. É como se ele próprio, o instrumento mediúnico, houvesse mergulhado em vibrações celestes, através das lágrimas do sofredor do Invisível, as quais procurou enxugar<sup>113</sup>.

<sup>111</sup> Revista Reencarnação - Out. / 2003.

<sup>112</sup> PEREIRA. *Devassando o Invisível*, cap. 8, p. 225.

<sup>113</sup> *Ibidem*, cap. 2, p. 59.

A finalidade maior do diálogo, como observamos, é a moralização do ser. Mas quanto àqueles espíritos que preferem continuar se rebelando contra as leis de Deus, eles ficarão sob sua própria responsabilidade e a eles só restará a reencarnação como nos esclarece Yvonne Pereira:

E, tais como se encontram, serão encaminhados para a reencarnação, como infratores da ordem pública o seriam a um presídio, único recurso da atualidade – a reencarnação – para, lentamente, reequilibrá-los na harmonia geral, visto que as formas pesadas da matéria carnal serão como que fôrmas ortopédicas necessárias à minoração de tais enfermidades vibratórias, de origem moral e consciencial.<sup>114</sup>

Somente no Evangelho de Jesus, roteiro de nossas vidas, encontraremos o direcionamento seguro para os nossos passos.

- Índios, Cablocos e Pretos-Velhos

Os Espíritos que não estão categorizados como de grande progresso evolutivo ou Espíritos primitivos, nas primeiras reencarnações, encontram-se em um estado mediano de evolução.

Sabemos que todos viemos em busca do progresso evolutivo, moral e espiritual cujas experiências aqui vividas, a cada reencarnação, se expressam de acordo com os objetivos que estamos buscando. Assim, por exemplo, quando um intelectual de ontem, exerceu de maneira negativa o seu conhecimento, poderá vir em total obscuridade no aspecto intelectual, para desenvolver outras áreas, quais sejam: o sentimento, a simplicidade, o amor.

Equivocamo-nos ao pensar que esses espíritos sejam todos atrasados. Assim, como aqui na Terra nem todos estamos no mesmo patamar evolutivo e cada qual carrega suas conquistas e dificuldades, também nem sempre o desenvolvimento moral acompanha o intelectual. Ocorre da mesma forma com tais espíritos que, de um lado podem ser entidades de grandeza moral e, de outro, entidades inferiores ainda carentes de nossa sensibilidade evangélica para nos dirigirmos a eles.

Todos que labutam na Doutrina Espírita, na área da mediunidade, preocupam-se com a linguagem utilizada por esses espíritos para se comunicarem conosco. Porém, em *O Livro dos Médiuns*, Allan Kardec assim se expressa:

(...) Os Espíritos só têm uma língua, que é a do pensamento. Essa língua todos a compreendem, tantos os homens como os Espíritos..(...) Para exprimir suas idéias numa língua articulada, transmissível, toma as palavras do vocabulário do médium.(...) Nota, primeiramente, que nem todos os médiuns são aptos a esse gênero de exercício, e, depois, que os Espíritos só acidentalmente a eles se prestam, quando julgam que isso pode ter alguma utilidade.<sup>115</sup>

Quando uma entidade desse grupo comunica-se conosco, utilizando a linguagem de um preto-velho ou de um caboclo, a não ser quando haja necessidade por parte dela, isto acontece, na realidade, muito mais pela maneira da recepção ou interpretação do médium ao se deparar psiquicamente com o ser espiritual. “A rigor, portanto, esses espíritos não precisariam usar de um linguajar estranho aos médiuns e aos participantes da reunião”.<sup>116</sup>

<sup>114</sup> PEREIRA. *Devassando o Invisível*, cap. 5, p. 136.

<sup>115</sup> KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. XIX, item 223, pergunta 15, p. 263 e 264.

<sup>116</sup> OLIVEIRA. *Reuniões Mediúnicas*, cap. 20, p. 113.

O desconhecimento que existe a respeito da realidade desses Espíritos leva as pessoas a acreditarem que eles possam ser dotados de poderes mágicos, capazes de resolverem de maneira misteriosa os seus problemas. Esses irmãos nossos, quando ainda ignorantes, são manipulados por entidades inteligentes do mal, como serviçais, utilizando-os para atitudes ignóbeis; porém, se devidamente orientados, são seres como nós, educáveis, cuja intimidade possui a centelha divina. Portanto, se, muitas vezes, eles se aportam em nossas reuniões não observando à disciplina sugerida pela doutrina, é que os seus medianeiros assim o permitem.

Hoje, através dos novos conhecimentos trazidos pelos emissários do Mestre, entendemos que estes amigos espirituais muitas vezes omitem-se, revestindo-se de pretos-velhos, índios e caboclos, por um gesto de humildade. No livro *Nos Domínios da Mediunidade*, André Luiz em diálogo com o Espírito Aulus, assim se expressa:

Há companheiros no Espiritualismo que não suportam qualquer manifestação primitivista no terreno mediúnico. Se o médium não lhes corresponde à exigência, revelando-se em acanhado círculo de compreensão ou competência, afastam-se dele, agastadiços, categorizando por fraude ou mistificação valiosas expressões da fenomenologia. (...) Serão esses, provavelmente, os campeões do menor esforço. Ignoram que o sábio não dispensou a alfabetização no começo da existência e, decerto, amaldiçoam a criancinha que não saiba ler. Semelhantes amigos, André, olvidaram o socorro que receberam da escola primária e, solicitando facilidades, à maneira do morfinômano que reclama entorpecentes, viciam-se em atitudes deploráveis à frente da vida, de vez que tudo exigem para si, desrespeitando a obrigação de ajudar aos que ainda se encontram na retaguarda.<sup>117</sup>

Os professores Divaldo P. Franco e J. Raul Teixeira nos orientam assim:

O Espiritismo não tem compromisso de destacar essa ou aquela Entidade em particular. Se as sessões mediúnicas espíritas são abertas para todos os tipos de Espíritos, por que não viriam os que ainda se apresentam como pretos-velhos ou novos, branco, amarelos, vermelhos, índios ou caboclos e esquimós?<sup>118</sup>

Hoje com todo o manancial de obras e esclarecimentos que temos recebido do plano maior, mister se faz que recebamos toda e qualquer entidade com o espírito de caridade. É dever cristão nosso, independente de ser este ou aquele, esclarecê-los que, sendo Espíritos imortais, já viveram várias experiências, não havendo necessidade de se fixarem nesta ou naquela em especial, e que toda fixação negativa resulta em estacionamento do progresso espiritual, que a todos nós foi determinado pelo Altíssimo.

O médium e os demais participantes da reunião devem envolvê-los em fluidos benéficos da prece, com os melhores desejos e vibrações de amor.<sup>119</sup>

- Espíritos que se opõem ao Espiritismo

São Espíritos que durante a sua encarnação mantiveram-se ligados a diversos cultos ou religiões que se manifestam contrárias ao Espiritismo. Ao desencarnarem, conservam as mesmas idéias e chegam aos agrupamentos mediúnicos com os

<sup>117</sup> ANDRÉ LUIZ. *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 29, p. 276.

<sup>118</sup> FRANCO, Divaldo Pereira e TEIXEIRA, Raul. *Diretrizes de Segurança*, p. 84.

<sup>119</sup> No Livro *Diálogo com as Sombras* – Hermínio C Miranda- e na apostila da FEB - Estudo e Educação da Mediunidade Programa 2, Módulo nº 6, 1ª parte, Roteiro 4, p. 393 -, poderão ser consultados outros tipos de Espíritos comunicantes.

mesmos pensamentos, procurando condenar a todos aqueles que se dão às práticas espíritas, fruto do desconhecimento das bases propostas pela Doutrina Espírita.

Antes de apresentarmos alguns ângulos do diálogo a ser mantido com esses Espíritos, analisaremos uma questão proposta pelo codificador:

*Por que indícios se poderá reconhecer, entre todas as doutrinas que alimentam a pretensão de ser a expressão única da verdade, a que tem o direito de se apresentar como tal?*

Será aquela que mais homens de bem e menos hipócritas fizer, isto é, pela prática da lei de amor na sua maior pureza e na sua mais ampla aplicação. Esse o sinal por que reconheceréis que uma doutrina é boa, visto que toda doutrina que tiver por efeito semear a desunião e estabelecer uma linha de separação entre os filhos de Deus não pode deixar de ser falsa e perniciosa.<sup>120</sup>

Diante da resposta apresentada pelos Espíritos, devemos receber esses companheiros em nossas reuniões com o respeito e estima de irmão, amparando-lhes o entendimento de maneira fraternal, evitando disputas verbais e filosóficas, já que a doutrina que tem o direito de se apresentar como expressão da verdade é aquela que mais homens de bem fizer, e para isso temos a fórmula conciliadora da prática do amor ao próximo, que abrange todos os cultos e religiões.

Allan Kardec, ao dialogar com um padre, demonstrou o respeito que o Espiritismo tem à liberdade de consciência, que, segundo o codificador, é a consequência da liberdade de pensar. Entretanto, não deixou de expor, sem a pretensão de convertê-lo, os princípios sob os quais a Doutrina Espírita se fundamenta. Assim se dirigiu ao Espírito:

O Espiritismo tem por fim combater a incredulidade e suas funestas conseqüências, fornecendo provas patentes da existência da alma e da vida futura; ele se dirige, pois, àqueles que em nada crêm ou que de tudo duvidam, (...); os que têm fé religiosa e a quem esta fé satisfaz, dele não têm necessidade. (...). A seus olhos, toda crença, quando sincera e não permita ao homem fazer mal ao próximo, é respeitável, mesmo que seja errônea. Tal é, (...) a linha de conduta que tenho seguido com os ministros dos diversos cultos que a mim se hão dirigido. Quando eles me interpelaram sobre alguns pontos da Doutrina, dei-lhes as explicações necessárias, abstendo-me de discutir certos dogmas de que o Espiritismo não se quer ocupar, (...); nunca, porém, fui procurá-los no propósito de lhes abalar a fé por meio de qualquer pressão. Àquele que nos procura como irmão, nós o acolhemos como tal; ao que nos repele, deixamo-lo em paz. É o conselho que não tenho cessado de dar aos espíritas, (...).<sup>121</sup>

- Espíritos que perseguem os seguidores do Cristo

Não poderíamos deixar de citar os Espíritos que se tornam perseguidores de quantos adotam o programa renovador do Cristo, seja por vinculações do passado ou por desejo de prejudicar este ou aquele agrupamento cristão que “atrapalha os seus intentos”. Podem apresentar-se com as mais variadas condições intelectuais e morais. Alguns, pelos elevados dotes de intelectualidade e pouco desenvolvimento moral, passam a dirigir falanges que têm como objetivo causar problemas aos freqüentadores e tarefeiros das casas espíritas, por exemplo. Outros, mais ignorantes que maléficos, passam a “prestar serviços” a esses agrupamentos em troca de “favores” na

<sup>120</sup> KARDEC. *O Livro dos Espíritos*, questão 842.

<sup>121</sup> Cf. KARDEC. *O Que é o Espiritismo*, cap. I, p. 122.

perseguição àqueles que lhes causaram algum sofrimento. Em geral, todos eles, os “líderes” e “servidores” dessas falanges, estão vinculados a criaturas que lhes tocam de maneira particular, mas, filiando-se a essas associações passam a ajudar uns aos outros na consecução dos seus programas de perseguição, que vai desde simples influências a processos complexos de vingança.

Manoel Philomeno de Miranda, ao longo de sua obra *Nos Bastidores da Obsessão*, relata situações como essas. Entretanto, destacaremos apenas um capítulo que relata duas técnicas, entre outras, utilizadas pelos Espíritos na perseguição aos encarnados que buscam o concurso do Espiritismo. São elas:

(...) o aumento da agressão às suas vítimas a fim de lhes darem idéias falsas de que a freqüência às sessões lhes acarretaram maior dose de sofrimento, inspirando-as a debandarem, após o que, então, cessam de inopino a constrição obsessiva, fazendo crer que a melhora decorreu do abandono àqueles compromissos repentinos, para voltarem mais ferozes, mais cruéis, mais implacáveis (...). De outras vezes (...) logo que seus *clientes* começam a honesta participação no estudo e na tarefa espírita da própria libertação, (...) afastam-se temporariamente os perseguidores, permanecendo, porém, em contínua vigília; os incautos, logo experimentam a falsa liberação, reconhecem a desnecessidade do conhecimento clarificador e se dizem comprometidos com programas sociais e de outra ordem, transferindo para o futuro os deveres espirituais, e partem, lépidos, a gozar... Afirmam-se reconhecidos ou consideram a *coincidência da cura*, (...), mas lamentam a circunstância que os obrigam a um temporário afastamento... Quando a questão já lhes parece vencida, sem que as dívidas tenham sido necessariamente resgatadas, (...), eis que os verdugos perseverantes, (...), retornam vigorosos e mais constringentes se fazem, (...) sem que os obsediados contem com quaisquer recursos a seu favor, considerando que nada providenciaram para a hora da aflição e do desconforto...<sup>122</sup>

O diálogo com esses Espíritos será estribado nos altos valores do amor e da razão, procurando envolvê-los em ondas vibratórias contrárias àquelas que eles nos direcionam. Serão levados a refletir que o mal feito a outrem termina por nos atingir, cedo ou tarde, e que a justiça não deve ser exercida por nossas mãos. Devemos, ainda, mostrar-lhes o esforço dos encarnados que perseguem em melhorar-se, convidando-os à mesma ação pela própria felicidade. Por outro lado, as suas “vítimas” serão orientadas a perseverarem nos estudos e nas tarefas que assumiram, guardando o tempo e a confiança na providência divina. Será necessário não esperar resultados imediatos, pois alguns casos são tão complexos que o tempo se encarregará de resolver em resposta aos nossos esforços no presente.<sup>123</sup>

## 7 EVANGELHO E MEDIUNIDADE

Encontramos no Velho e Novo Testamento inúmeras manifestações mediúnicas em suas mais diversas expressões.

No Velho Testamento temos Moisés, médium extraordinário, e os inspirados profetas como exemplos vivos da mediunidade. Mais adiante, no Evangelho, esta mediunidade se apresenta de maneira sublimada nos atos da vida de Jesus, tendo sido ele o médium de Deus, em razão da sua perfeita identificação com o Pai, demonstrada durante toda a sua vida: “Eu e o Pai somos um”.<sup>124</sup> A ocorrência mediúnica também pode ser percebida em outras partes do Novo Testamento, exercida principalmente

<sup>122</sup> MIRANDA. *Nos Bastidores da Obsessão*, p. 203 e 204.

<sup>123</sup> Ver o livro *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 6, 7, 8, 9 e 10.

<sup>124</sup> ALMEIDA. *Bíblia Sagrada*, João; 10:30.

pelos apóstolos de Jesus, cujos registros se encontram no livro de Atos, no qual encontramos a narrativa do Pentecostes e da conversão de Saulo no caminho de Damasco.<sup>125</sup>

Na questão 627 de *O Livro dos Espíritos*, os Espíritos Superiores respondem à pergunta feita por Allan Kardec da seguinte maneira:

Jesus empregava amiúde, na sua linguagem, alegorias e parábolas, porque falava de conformidade com os tempos e lugares. Faz-se mister agora que a verdade se torne inteligível para todo mundo. Muito necessário é que aquelas leis sejam explicadas e desenvolvidas, tão poucos são os que as compreendem e ainda menos os que as praticam. A nossa missão consiste em abrir os olhos e os ouvidos a todos, confundindo os orgulhosos e desmascarando os hipócritas: os que vestem a capa da virtude e da religião, a fim de ocultarem suas torpezas (...).

Os itens 7.1 e 7.2 ilustram situações relacionadas à mediunidade, ampliando um pouco mais nosso campo de visão quanto à necessidade da mediunidade com Jesus.

### 7.1 A cura do endemoninhado de Cafarnaum (Cafarnaum)

Na passagem do evangelho de João que relata a cura do endemoninhado de Cafarnaum, versículos 22 a 27, podemos destacar a autoridade de Jesus como ponto fundamental para se efetuar o processo de desobsessão. Aquele que se dispuser a dialogar com um Espírito obsessor sem o esforço de renovação – esforço que lhe conferirá a devida autoridade moral – não será por ele respeitado, podendo essa influência inferior até mesmo se estender ao próprio doutrinador.<sup>126</sup>

No trecho “Ah! que temos contigo, Jesus nazareno? Vieste destruir-nos? Bem sei quem és: O Santo de Deus”, a expressão “*Ah! Que temos contigo, Jesus nazareno*” está relacionada com a imensa distância existente entre o alto padrão vibratório de Jesus, devido à sua elevadíssima hierarquia, e a do Espírito obsessor que reconhecia tal situação. Ao falar “*Santo de Deus*”, vê-se que o Espírito já conhecia Jesus a ponto de reconhecer-lhe a missão divina, ao chamá-lo “O Santo de Deus”. Não é, portanto, um Espírito simples ou ignorante; ele tem plena convicção do que faz.

De acordo com o texto, Mateus relata que “E repreendeu-o Jesus, dizendo: Cala-te, e sai dele”. “Então o Espírito imundo, convulsionando-o, e clamando com grande voz, saiu dele”. O verbo repreender, segundo consta no dicionário Aurélio, significa advertir, censurar ou admoestar com energia. Ainda segundo esse dicionário, convulsão tem por significado grande agitação ou transformação. Assim, como já o dissemos, a autoridade de Jesus é o fator que lhe confere o poder de afastar os Espíritos inferiores através de uma ordem, que é obedecida: “(...) O Filho do homem tem na Terra poder para perdoar pecados (...)”.<sup>127</sup>

Este “Filho do homem” a que se refere Jesus é a condição a que todos buscamos chegar, através do nosso esforço, em atendimento à própria lei de evolução. Todo aquele que desejar trabalhar no auxílio e doutrinação de espíritos necessitados precisa buscar a própria renovação espiritual, o que lhe conferirá a indispensável autoridade para isto.

<sup>125</sup> ALMEIDA. *Bíblia Sagrada*, Atos; 2:4 e 9:4.

<sup>126</sup> *Ibidem*, Marcos; 1:21 a 28.

<sup>127</sup> *Ibidem*, Marcos; 2:10.

## 7.2 Anúncio do nascimento de Jesus.

No Evangelho de Lucas, encontramos um diálogo diferente daqueles que vimos anteriormente. Enquanto no primeiro deles Jesus fala ao Espírito obsessivo, encaminhando-o e afastando-o de suas vítimas, na passagem de Lucas, vemos um anjo (Gabriel) que se dirige a Maria para anunciar-lhe o nascimento de Jesus<sup>128</sup>. São situações bem diferentes.

No que diz respeito à mediunidade, podemos conversar com Espíritos obsessores e sofredores, com amigos e familiares e ouvir entidades de maior elevação, quando trazem as suas comunicações através de diferentes modalidades mediúnicas, visando ao auxílio e ao progresso da humanidade.

Vejamos, nessa direção, a seguinte passagem evangélica:

E, entrando o anjo aonde ela estava, disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo: bendita tu entre as mulheres.  
Disse-lhe então o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus.

No trecho acima, o anjo saúda Maria, lembrando-lhe a sua missão gloriosa programada no plano espiritual. O termo “agraciada” significa agraciar, conceder graça, honraria; dar ou comunicar graça ou perfeição. Na passagem, podemos entender este termo como a graça que foi dada a Maria para realizar a sublime missão de ser mãe de Jesus. Isso aconteceu dentro de um planejamento divino em razão das virtudes de que Maria era possuidora e de sua elevada hierarquia espiritual.

Diz-se bendito daquele que é abençoado ou daquele ou daquilo a quem se abençoou. A palavra “bendita”, dessa forma, se relaciona com o próprio plano a que o Espírito se ajusta. Bênçãos e maldições constituem escolhas nossas, exercidas em virtude do nosso livre-arbítrio, cujas conseqüências nos facultam a bênção da permanência em faixas superiores de vibração ou nos planos infelizes de sofrimento.

Maria sente temor e surpresa diante da revelação que lhe chegava naquele momento. Essa mesma sensação pode se apoderar de alguém diante de uma aparição mediúnica. O anjo busca tranquilizar Maria, em razão das diferenças vibratórias entre o plano físico e espiritual, reconfortando-a pela afirmativa da graça que lhe era concedida.

No momento em que Maria responde ao anjo “Eis aqui a serva do Senhor: cumpra-se em mim segundo a tua palavra”, remete-nos ao coroamento dessa situação, já que é possível observar a sua aceitação total diante da vontade de Deus. A grandeza de sua alma, submetendo-se inteiramente à vontade do Criador, permitiu a vinda de Jesus à nossa terra para salvar e redimir toda a humanidade. Aconteceu a sublimação da maternidade por intermédio de Maria, a mãe de Jesus.

Havendo cumprido a sua missão, afastou-se o anjo Gabriel de junto dela, como acontece com os grandes missionários ao concluírem seus trabalhos junto aos homens. Ainda assim, continuam velando pela humanidade de onde estiverem, assim como o faz o Cristo, a fim de que tudo se cumpra segundo a vontade de Deus.<sup>129</sup>

<sup>128</sup> ALMEIDA. *Bíblia Sagrada*, Lucas; 1:26-38.

<sup>129</sup> Baseado na Apostila de Estudo Minucioso do Evangelho - Unidades I e II, 2002 -DEME / UEM.

## 8 CONCLUSÃO

Este trabalho permitiu-nos a especialização em torno do assunto “Diálogo com os Espíritos”. Os temas aqui expostos, desde a homogeneidade do grupo mediúnico ao estudo da palavra, ampliaram-nos a visão do trabalho de esclarecimento e socorro àqueles que nos antecederam no túmulo. Não tivemos a intenção de suprir ou superar as obras já existentes sobre o tema em análise, mas, ao contrário, de incentivar a pesquisa e o resgate delas, já que as utilizamos largamente como fonte fecunda de pesquisa, sobretudo a Codificação Espírita.

Um outro aspecto caracterizou esta apostila, o de que as idéias foram tecidas em torno do Evangelho, já que, mais do que reconhecer o fenômeno mediúnico é dar-lhe finalidade moral, como nos aconselha Emmanuel, assinalando: “(...) situa a feição fenomênica no justo lugar para não te distraíres com superfluidades inconseqüentes”.<sup>130</sup> O dialogador/doutrinador deve estar bem compenetrado de que a “(...) Doutrina Espírita e o serviço mediúnico são essencialmente distintos entre si”<sup>131</sup>, procurando reconhecer, em cada Espírito que atende, um campo a fertilizar através do aconselhamento amoroso, por concessão daquele que é guia e modelo,<sup>132</sup> por ter doutrinado os Espíritos encarnados e desencarnados com a força poderosa do exemplo, ombreando conosco no reajuste inadiável de nossas consciências.

Para as reflexões finais, repetiremos as palavras de Eusébio – Instrutor Espiritual – grafadas por André Luiz:

Não basta, para o arrojado cometimento da redenção, o simples reconhecimento da sobrevivência da alma e do intercâmbio entre os dois mundos. (...) Para a nossa vanguarda de obreiros decididos e valorosos passou a fase de experimentação fútil, de investigações desordenadas, de raciocínios periféricos. Vivemos a estruturação de sentimentos novos, argamassando as colunas do mundo vindouro, com a luz acesa em nosso campo íntimo.<sup>133</sup>

---

<sup>130</sup> Cf. EMMANUEL. *Opinião Espírita*, p. 64.

<sup>131</sup> *Ibidem*, p. 63

<sup>132</sup> KARDEC. *O Livro dos Espíritos*, Questão 625.

<sup>133</sup> ANDRÉ LUIZ. *No Mundo Maior*, p. 31 e 32.

## 9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia Sagrada*. Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

ANDRÉ LUIZ (*Espírito*). *Nos Domínios da Mediunidade*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1985. 14ª ed.

\_\_\_\_\_. *Missionários da Luz*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro. FEB, 1987. 20ª ed.

\_\_\_\_\_. *Entre a Terra e o Céu*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro. FEB, 1986, 11a. ed.

\_\_\_\_\_. *No Mundo Maior*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro. FEB, 2002, 22ª ed.

\_\_\_\_\_. *Os Mensageiros*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro. FEB, 2003, 39ª ed.

\_\_\_\_\_. *Aulas da Vida*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. São Paulo. Ideal, 2002, 5ª ed.

\_\_\_\_\_. *Opinião Espírita*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Uberaba. CEC, 1982. 5ª ed.

EMMANUEL (*Espírito*). *Vinha de Luz*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro. FEB, 2003. 19ª ed.

\_\_\_\_\_. *Pão Nosso*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro. FEB, 2003. 23ª ed.

\_\_\_\_\_. *O Consolador*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro. FEB, 1982. 9ª ed.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1975. 1ª ed.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. Brasília. FEB, 1995. 76ª edição.

\_\_\_\_\_. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro. FEB, 1982. 84ª ed.

\_\_\_\_\_. *O Céu e o Inferno*. Trad. Manoel Justiniano Quintão. Rio de Janeiro. FEB, 1978. 25ª ed.

\_\_\_\_\_. *O Livro dos Médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro. FEB 1978. 39ª ed.

\_\_\_\_\_. *O Que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro. 1995, 37ª ed.

MIRANDA. Hermínio C. *Diálogo com as Sombras: Teoria e Prática da Doutrinação*. Brasília. FEB, 1995. 9ª ed.

MIRANDA.(Espírito) Manoel P. *Trilhas da Libertação*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro. FEB, 1996. 1ª ed.

\_\_\_\_\_. *Grilhões Partidos*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador. Livraria Espírita “Alvorada” – Editora. 1985, 6ª ed.

\_\_\_\_\_. *Nos Bastidores da Obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Brasília. FEB. 1997, 8ª ed.

Pereira. Yvonne A. *Devassando o Invisível*. Rio de Janeiro. FEB, 2001. 12ª ed. (Revisada e Repaginada).

\_\_\_\_\_. *Recordações da Mediunidade: Obra Mediúnic*a orientada pelo Espírito Adolfo Bezerra de Menezes. Rio de Janeiro. FEB, 2002. 10ª ed.

Emmanuel ( Espírito ) *Emmanuel*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier .Rio de Janeiro. FEB, 1981. 9ª ed.

Armond. Edgar. *Mediunidade*. São Paulo. Lake.1973.14ª ed.

Joanna de Angelis ( Espírito ). *No Limiar do Infinito*. Psicografado por Divaldo P. Franco, Salvador. Alvorada,1977.1ª Edição.

\_\_\_\_\_. *Leis Morais da Vida*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador. Livraria Espírita “Alvorada “. Editora-1976, 1ª ed.

FEB – Estudo e Educação da Mediunidade – Programa 2 – Módulo n. 6, 1ª Parte, Roteiro 4.

Barcelos. Walter. *Mediunidade e Discernimento*. São Paulo. Ed Didier , 2000, 1ª ed.

Franco, Divaldo Pereira.e Teixeira, José Raul. *Comunicações: Diretrizes de Segurança* .Rio de Janeiro. Fráter Livros Espíritas, 1990. Cap.4,p.84

Schubert, Suely Caldas. *Obsessão/ Desobsessão*. Rio de Janeiro. FEB, 1985, 10ª ed.

Oliveira, Terezinha. *Pretos-Velhos, Índios e Caboclos*. Reuniões Mediúnicas, Curso.5ª.ed. Capivari. São Paulo. EME , 1997.Cap.20,p.113.

Emmanuel ( Espírito ) *Caminho Verdade e Vida*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. FEB, 1986. 12ª ed.

Pereira , Yvonne A. *Memórias de um Suicida*. Obra mediúnica. Rio de Janeiro. FEB, 2000. 22ª ed.

SOUZA, Roberto Lúcio V. Recursos Terapêuticos para o Atendimento Desobsessivo -  
*Revista Reencarnação*. Federação Espírita do Rio Grande do Sul. Outubro 2003.

UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA. Apostila de Estudo Minucioso do Evangelho, unidades I –  
II. Belo Horizonte, 2002.